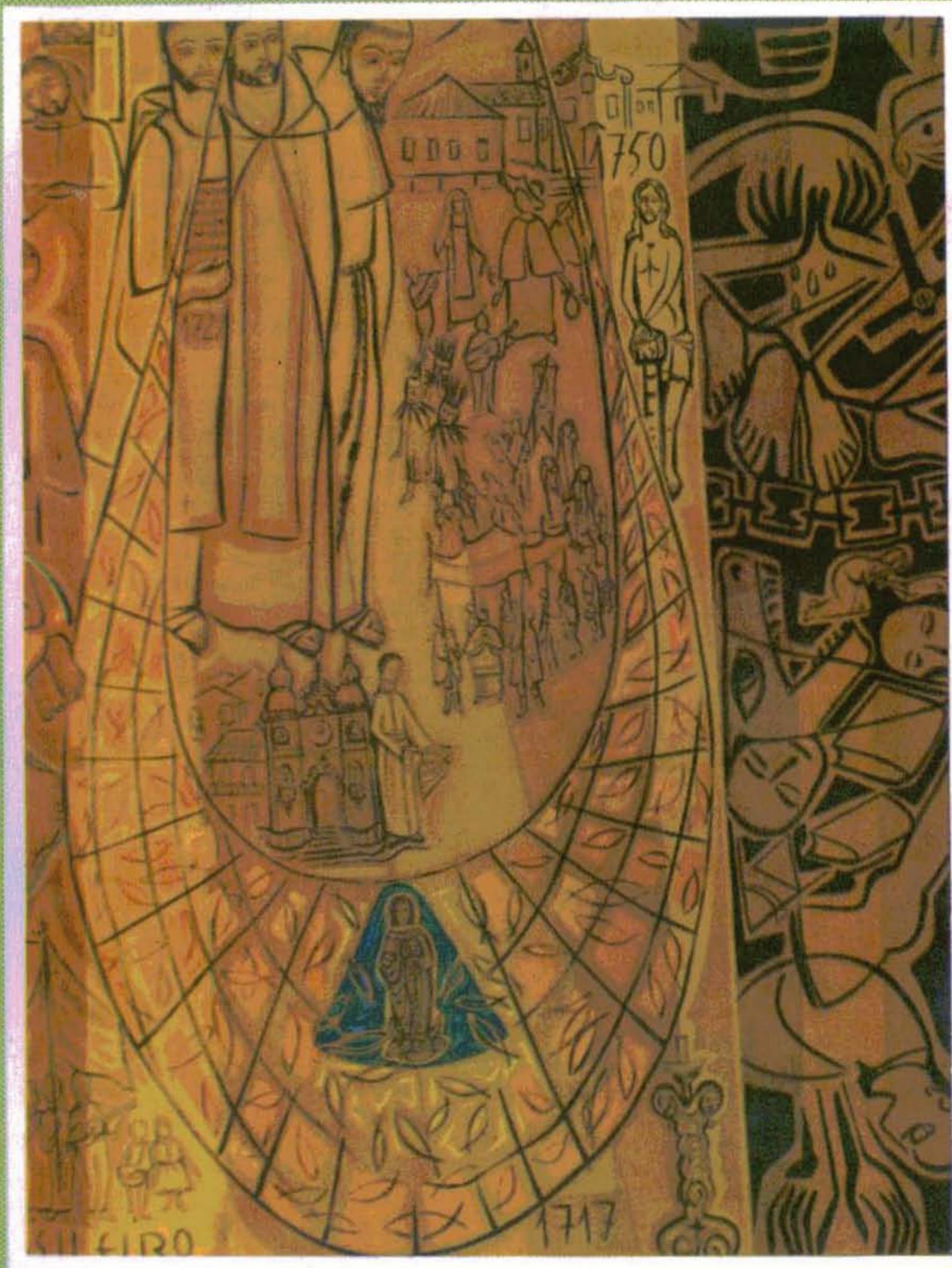


convergencia

NOV - 1993 - ANO XXVIII - Nº 267



- **FORMAÇÃO NA ÁFRICA NEGRA**
Pe. Mário de Carli - página 541
 - **O "EVANGELHO" DE SANTO DOMINGO**
Frei Clodovis M. Boff, OSM - página 569
-

CONVERGÊNCIA

Revista Mensal
da Conferência
dos Religiosos
do Brasil: CRB



Diretor-Responsável:
Pe. Edênio Valle, SVD

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:

Coordenador:

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Membros:

Pe. Ático Fassini, MS

Ir. Lina Boff, SMR

Fr. Luiz Fernando Peixoto, OFM

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 - 4º andar

Cinelandia / Tel.: (021) 240-7299

20038-900 RIO DE JANEIRO - RJ.

Assinaturas para 1993:

Brasil, taxa única:

terrestre ou aérea Cr\$ 425.000,00

Exterior: marítima US\$ 45,00

aérea US\$ 60,00

Número avulso Cr\$ 42.500,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivre S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 - Benfca - 20911-230 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 - Centro 25685-020 Petrópolis, RJ.

Nossa Capa

Detalhe do mural de Claudio Pastro '500 Anos de Evangelização do Brasil', em Vila Kostka, Itaici, SP. Eis como o descreve o Pe. J. Ramón de la Cigoña em seu livro 'Arte em Itaici', à página 16: "Na extremidade esquerda da rede temos a presença de três ordens que também influenciaram profundamente a evangelização do país: um beneditino, um carmelita e um capuchinho. O beneditino é Frei Mateus da Encarnação Pinna, que se destacou em sua luta contra o jansenismo e traz em sua mão a "Defensio Purissimae et Integerrimae Doctrinae Sanctae Matris Ecclesiae". Em 1750 temos a fundação do seminário de Mariana, organizado e regido pelos jesuítas. Estes foram expulsos do Brasil em 1759 e não puderam mais influenciar a religiosidade mineira. A religiosidade popular traduziu-se em formas mais folclóricas e intimistas simbolizadas pelo barroco, as "beatas",

as folhas de reis, as irmandades (do Santíssimo, dos negros...) e a devoção das cinco chagas representadas pelo homem das dores. O barroco desta época foi caracterizado pela arquitetura e pela liturgia (Sé de São João del Rey e o candelabro), e pela música sacra com o Pe. José Maurício, mulato e mineiro. O Mural entra numa fase escura quando chega a data de 1759: expulsão de mais de 450 jesuítas do Brasil por parte do Marquês de Pombal. O Artista quis fazer uma "Guer-nica" brasileira, tamanhas foram a injustiça e as conseqüências nefastas para a vida social, cultural e religiosa do Brasil, com a expulsão violenta destes religiosos. Uma mão de ferro simboliza Pombal e a manipulação da maçonaria em todo esse assunto. A seguir uma mulher chora desconsolada diante da saída dos jesuítas. Uma pomba morta simboliza toda liberdade e doação extintas. Uma mãe se debruça chorando a sua filha assassinada, lembrando aquela frase de Voltaire: "acabemos com a filha (a Companhia de Jesus) e logo acabaremos com a mãe (a Igreja)". A seguir aparecem rostos macerados e famintos dos exilados. Um animal grita, abrindo aterrorizado a sua boca, diante de tamanha injustiça. A pata do cavalo simboliza o abuso do poder. Por fim, um jesuíta agoniado arranha a terra como para se esconder dentro dela ou para enterrar seu companheiro morto. A expulsão dos jesuítas marca uma fase obscura na história da Igreja no Brasil (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº P-209/73.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| EDITORIAL..... | 513 |
| INFORME DA CRB | 515 |
| NO VIII CENTENÁRIO DE CLARA DE ASSIS João Paulo II | 522 |
| FORMAÇÃO PARA UM NOVO MILÊNIO Pe. Alberto Teixeira de Brito | 527 |
| FORMAÇÃO NA ÁFRICA NEGRA Pe. Mário de Carli..... | 541 |
| VOCACIONADO NEGRO. IDENTIDADE E DESAFIOS Joselito Alves da Paixão, SVD..... | 557 |
| VIDA RELIGIOSA E A NOVA FACE DOS POBRES Pe. Márcio Fabri dos Anjos, CSSR..... | 561 |
| O "EVANGELHO" DE SANTO DOMINGO Frei Clodovis M. Boff, OSM | 569 |

EDITORIAL

“FORMAÇÃO”

No final deste mês de novembro a CRB-Nacional estará promovendo em Itaici-SP, um “encontro de Formadores e Formadoras com o tema “Vida Religiosa: tendências, desafios e esperanças”. O tema será abordado através de três módulos: da dimensão carismática e profética da vida religiosa na Igreja do Brasil e a opção preferencial pelos pobres; da inculturação e culturas; da modernidade. Cada um desses módulos será perpassado por quatro prismas: formação da pessoa (afetividade), formação comunitária, formação espiritual e formação para a nova evangelização.

Se pensamos em termos de América Latina, esses grandes temas correspondem às preocupações maiores dos formadores e formadoras em nosso Continente; são aspectos que têm presente os tempos de hoje e podem modificar o futuro da tarefa formativa; em um certo sentido se apresentam como os “sinais dos tempos” de nossa vida religiosa. O grande apelo e chamado de Deus à santidade precisa ser concretizado em relação à formação da mesma forma que uma série de questões chave exigem respostas. A formação, como iniciação e introdução progressiva do formando/a nos valores e experiências fundantes da vr, exige o intercâmbio entre aquele que os

apresenta — o formador — e aquele que busca deles participar — o formando/a. Parece esgotada a possibilidade de enfocar o processo formativo considerando apenas uma das partes em jogo. Não seria correto privilegiar o formador ou o formando. Trata-se de concretizar pedagogicamente a interação entre formando, formador e a missão à qual todos se consagram. Assim se rompe com a antiga certeza, de que o formador existe para ensinar e o formando para aprender, e também a nova certeza, em que o formando prescinde do formador como se a vida religiosa estivesse começando a partir dele ou dela. Igualmente parece esgotada a possibilidade de querer isolar a formação do contexto de uma sociedade de modernidade que provoca crises de valores, mexe com a vida afetiva, desafia a participação nas marcas trágicas que a organização sócio-político-econômica deixa em nossa gente mais sofrida. Também o trabalho pastoral com os pobres, a inserção em seu meio, mostrou-se insuficiente para sanar as dificuldades das relações educativas e solidificar pessoas bem assentadas no terreno da existência, pessoas livres e libertadoras. Por isto tudo, vê-se que em Itaici terão os formadores e formadoras presentes um forte desafio para perceber o novo e criá-lo já que não

e dado, mas sempre sob o impulso do único Espírito que nos é comunicado.

Tendo presente esse encontro **CONVERGÊNCIA** traz a seus leitores e leitoras, desde o início matéria para seu estudo e reflexão. Já no **CRB-INFORMA** encontrarão em detalhes o que foi o "Mutirão da Vida Religiosa", celebrado em setembro passado e reunindo mais de 100 religiosos/as de todo o Brasil. O texto do p. Alberto Brito, português, ajuda a perceber num contexto mais internacional, os pontos comuns que a formação deverá enfrentar no novo milênio que se aproxima: diante dos estímulos da modernidade e da sociedade de informação, desenvolver a consciência crítica evangélica; diante da abertura ao novo, de forma quase ingênua, a necessidade de radicalizar na experiência do Deus de Jesus a opção de uma vida; diante de uma sociedade de segurança, aprender a arriscar; diante da emoção sentida no espaço do momento, a mobilização para relações pessoais duradouras; diante da competição e do individualismo, propiciar o efetivo exercício da solidariedade com os mais excluídos; diante da acumulação indiscernida de experiências espirituais, investir no diálogo ecumênico. Já o p. Mário de Carli, num texto de profunda sinceridade e simplicidade relata sua experiência como formador em Moçambique, diante dos desafios da inculturação e onde um jovem seminarista negro vai ter que lembrá-lo da função de for-

mador ao perguntar-lhe "o sr. padre se lembra do tempo que passávamos debaixo das árvores ou no jardim e conversávamos, aprendíamos cantos, ouvia nossas histórias..." O bloco sobre formação completa-se com o texto de Joselito Alves da Paixão, svd, trazendo as dores e as esperanças do formando negro dentro de uma vida religiosa ainda predominantemente branca em sua composição e, principalmente, em sua linha formativa.

Consciente de que outros temas têm também sua urgência, este número retoma duas reflexões sobre Santo Domingo. A primeira, do p. Márcio Fabri dos Anjos cssr, tenta alargar nosso horizonte na compreensão da exclusão social no contexto da globalidade do sistema social em que vivemos, para aí percebermos os desafios próprios para a vida religiosa. Por fim, frei Clodovis Boff retorna às nossas páginas para fazer o que chama "uma leitura positiva" do documento de Santo Domingo, ainda mais que a crítica não tem faltado. E consegue "pescar" dez eixos que poderiam contribuir para nossa "recepção" mais tranqüila e mais fiel do trabalho de nossos bispos.

Que tudo isto possa ir lentamente configurando o rosto de nossa vida de consagrados para um novo milênio em favor daqueles mais pequenos que a graça de Deus escolheu como seus preferidos.

P. Spencer Custódio Filho, sj

I N F O R M E

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

MUTIRÃO DA V. R.

1.^a Parte

I. A CHEGADA

Há meses cartas enviadas a todas as regionais da CRB convocaram religiosos(as) para a realização de um MUTIRÃO. O projeto contaria com duas bases mestras: as esperanças e as angústias presentes na V. R. hoje marcando sua identidade e missão. Os trabalhadores do Mutirão trariam em suas bagagens ferramentas utilizadas na vida cotidiana.

Na tarde do dia 04 de setembro, o ônibus da "Viação Mutirão CRB" ia e vinha de Barbacena a Borda do Campo, trazendo os primeiros participantes. De todos os cantos do Brasil diferentes rostos masculinos e femininos irradiavam suas alegrias, expectativas e vontade de participar.

Aos poucos as pessoas iam se abrindo no grande casarão dos Verbitas, antigo seminário, agora local de reflexão e animação das comunidades. A cada meia hora chegavam novas pessoas, até que totalizassem as 140 previstas para o Encontro.

Sábado pela manhã, o mesmo sino que outrora convocava os seminaristas para a oração, chamava os novos habitantes a se dirigirem à gruta de Nossa

Senhora, onde se celebraria a revelação da presença de Deus nas diferentes realidades do Brasil: um grupo de mulheres aos pés da Mãe Maria convidava os demais a erguerem suas mãos e repetirem: "vida, esperança e luta", das quais elas mesmas são testemunhas e instrumento.

Alguns passos mais adiante nos conduziram a louvar a Deus com os povos indígenas, rezando no idioma nhangatú, e logo após com os negros, ao lado da fonte "dos sete sacramentos", cantando "tá caindo fulô" — numa alusão as bênçãos de Deus sobre o povo negro.

Mais avante, encontramos as crianças da rua e com elas proclamamos a liberdade para a qual Cristo nos criou: Liberdade esta que tem sido forjada nas CEBS, outro grupo que nos ajudou a encontrar Deus presente na vida. A oração cantada "A fé está no pé" nos educa a buscar caminhos novos; nisto o grupo da formação nos ajudou com o círio aceso, iluminando nossos passos com a Páscoa do Senhor.

Neste espírito de muita alegria e fé iniciamos o grande Mutirão. Nele há espaço para as diferenças e para a participação. Mutirão é caminhada. Nosso primeiro passo foi descobrir juntos o sentido desta palavra que significa: esforço conjunto, partilha de talentos, criatividade e gratuidade, denúncia, comer e beber juntos para juntos construir a

vida, encontrar soluções e partilhar alegria e festa.

O animador da "alegria" Pe. Edênio convocou a todos, em nome da equipe nacional, a retomarmos o objetivo geral da CRB: "aprofundar em todos os níveis a identidade da VR no seguimento de Jesus pobre".

Neste mesmo momento éramos interrompidos pela chegada de mais participantes e em clima de festa os acolhemos, confirmando a dinâmica do Mutirão. Cada um com seus instrumentos ia tomando espaço no ritmo do trabalho. Os textos bíblicos (Gênesis 32,25-33 e Mc 3,13-19) e o salmo 10 nos prepararam nessa primeira etapa. Em seguida fomos formando grupos de 5 e depois de 15 enriquecendo a reflexão e dando início a partilha das alegrias, das certezas, das angústias, lutas e esperanças.

II. OS PILARES DA CONSTRUÇÃO

Dessa soma das experiências pessoais partilhadas em pequenos grupos construímos os primeiros pilares da "nova casa":

A) O pano de fundo do Mutirão

1. O projeto de V. R. deve ser construído a partir da análise de conjuntura e ter como protagonista o povo.

2. Deve levar em conta os questionamentos da modernidade e pós-modernidade (pontos de conflito).

3. Deve supor a identidade profética e missão da V. R.

4. Deve inserir-se na caminhada concreta da V. R. no Brasil.

5. A palavra de Deus e a Eclesialidade da V. R. são dois pontos básicos para nossa construção.

B) Prisma comum a todos:

— A captação do novo anunciado pelos sinais dos tempos.

— Com vistas a levantar compromissos e pistas.

c) **Módulos:** São as unidades temáticas a serem aprofundadas durante o Mutirão.

1. O desafio das **culturas oprimidas** (inserção — inculturação).

2. A **formação** frente à nova conjuntura.

3. **Vida comunitária** (pessoa — intercongregacionalidade, espiritualidade e mística).

4. **Premências:** Laicidade da VR; mulher; trabalho.

III. QUATRO TESTEMUNHOS

As vezes é necessário olhar e avaliar outras construções para irmos aperfeiçoando as nossas. Por essa razão o passo seguinte da tarde foi escutar como algumas pessoas têm construído seu "jeito de ser religioso" a partir de suas realidades:

1) **Ir. Telma (negra, religiosa da Regional de Belém):** constata que muitas vezes as congregações não possibilitam espaço para o ser religioso negro e, mais ainda, para a mulher religiosa. O jeito de ser, o gosto pela dança, por exemplo, entram em confronto com o modelo europeu de VR. Muitas vezes se quer impedir ao negro de buscar suas raízes. A inculturação enfrenta obstáculos nesse nível.

2) **Ir. Delir Brunelli** — (religiosa teóloga). Abordou o papel da mulher nessa construção. Constata a existência de

“um perfume novo no ar”, uma tecla mais afinada, uma matriz diferente na paisagem, um sabor novo nas coisas que a gente faz.

É a VR despertando como o feminino de Deus, vendo o mundo e as pessoas como diferentes. É também a descoberta da mulher como subordinada na Igreja e sociedade.

3) **Ir. Dinorah** (Irmãzinha de Jesus, operária há 19 anos na favela da Mangueira, RJ). Lembrou que é preciso retomar o apelo do grande construtor Jesus Cristo. Redescobrir e contemplar Deus na história, na vida e na luta; o Deus caminhando com seu povo que vai muito além dos quadros da Igreja e da VR.

4) **Pe. Alberto** (Pároco da favela do Jaguaré em São Paulo). Lembra-nos que a VR é sinal de contradição na sociedade e que temos que tentar, abrir o nosso espaço para fazermos aquilo que é próprio ao nosso carisma dentro da Igreja e da sociedade. No Brasil e mundo de hoje o que está ganhando espaço é o consumo, o individualismo (eu me viro, os outros que se virem), parece que não vale mais a pena organizar-se, fazer Mutirão porque **demora muito** chegar ao objetivo.

O desafio para a VR hoje é acreditar na **utopia da fraternidade, solidariedade**; o **novo** pode acontecer apesar da crise de valores; militância.

A VR é chamada a **fazer de novo a opção pelos pobres**, isso como semente que vai se tornar uma mola de **mudança**.

IV. CELEBRAÇÃO DA VIDA

Nesse processo dinâmico do Mutirão vão acontecendo a aproximação entre

as pessoas, o encontro com o diferente; mulheres e homens têm a mesma importância e contribuem cada um à sua maneira nessa organização. No final ou no início de cada dia é preciso dar espaço para o riso, a partilha do pão e do canto solto e gostoso. A Eucaristia e outros momentos fortes de animação da mística foram, ao longo do encontro, embalados ao som de atabaques, violões e danças, expressando a fé, coragem e esperança. Nas procissões de entrada, a Palavra de Deus se unia a símbolos como o da “bandeira do Divino” e às expressões das riquezas indígenas e africanas, resgatando a luta histórica e apontando sinais de ressurreição

Na maioria das vezes o Mutirão ocupa a hora de descanso do trabalhador. Isto só é possível na ótica da defesa da vida. Por isso é que os religiosos indígenas e negros encontraram espaço aberto para trocar experiências e acertar passos no resgate da sua cultura. Esses momentos foram muito valorizados pelos protagonistas e significaram a concretização de um anseio do GRENI (Grupo de Religiosos Negros e Indígenas). Nas celebrações foram marcantes a simbologia riquíssima das cores, das vestes e de linguagem dessas nossas culturas.

V. A PALAVRA DE NOSSO IRMÃO BISPO

Esteve conosco Dom Demétrio Valentini, Bispo responsável pela Linha 6 (Pastoral Social) da CNBB. Logo no começo do 2º dia Dom Demétrio colocou para o plenário algo do panorama social brasileiro na atual conjuntura. Insistiu muito na importância da Semana Social Brasileira, como expressão conjunta do desejo da Igreja de estar pre-

sente em meio às angústias e esperanças de nosso povo brasileiro. Falou das Semanas Regionais, que já estão acontecendo e que preparam a grande Semana Nacional em julho de 1994. A Semana Social tem como que 2 polos de força: por-se na perspectiva dos excluídos e buscar despertar a consciência ética de nossa nação, na abertura a todas as forças sociais vivas. Tudo se volta para o tema: "Brasil: alternativas e protagonistas". Os 4 grandes sub-temas são: (a) O desenvolvimento econômico; (b) O estado democrático; (c) Os sujeitos e valores emergentes; (d) A dominação política e cultural

Todos os participantes perceberam que o nosso Mutirão tem a ver, e muito, com os grandes desafios levantados corajosamente pelas Semanas Sociais. O Mutirão prepara a V. R. para estar presente no trabalho social cristão proposto pela CNBB com mais consciência de nossa responsabilidade ética e histórica.

VI. FOI UMA GRANDE CELEBRAÇÃO

Não há Mutirão sem festa, mesmo se não se chega à cumieira. Nos mutirões, que em geral se dão nos fins de semana, é preciso parar para tomar fôlego e folgar. O Mutirão da VR também fez intervalo para uma bonita festa, na noite do 2º dia. A festa parecia uma prolongação lúdica das várias celebrações litúrgicas que tivemos ao longo dos dias. Acolhemos o lúdico, o folclore das várias regiões presentes (todas lá estavam!), para alimentar nosso sonho e realimentar a grande construção, expressando criatividade, dons, afetos, alegria, gratidão e esperança. Partilhamos cânticos, comidas, cirandas e danças. Houve uma profusão de doces caseiros, be-

bidas, castanhas e cocadas. Várias fantasias e roupas típicas coloriram de Brasil a festa do Mutirão.

2.ª Parte

SÍNTESE DOS 4 MÓDULOS

O resultado dos 3 dias de mutirão

O resultado de um mutirão não se mede pelas paredes levantadas, pelos metros de roça plantada, pelos dados materiais da construção. Eles são apenas um indicador visível de um resultado que é muito mais amplo e significativo. Os Mutirões são como sementes. Seu resultado é avaliado mesmo é em termos do que virá no futuro o do que ele construiu no presente, como energia e consciência despertadas, como criatividade, compromisso e esperança ativa.

A seguir apresentamos a síntese material bem concreta do que o Mutirão produziu, através do esforço dos 4 Módulos. Mas quem lá esteve sabe que o Mutirão foi — com a graça de Deus — muito mais. E que dará frutos "para o dia em que o sol da esperança brilhar", como se cantou e se falou na liturgia final centrada em Is. 65,17-25 e Mt. 14, 14-21.

MÓDULO 1:

CULTURAS OPRIMIDAS...

VER

A história de 500 anos de opressão e escravidão desperta hoje em negros e índios indignação e revolta face ao total desrespeito às suas culturas.

No entanto, reconhece-se que a partir dessa história de dor, sofrimento e injustiça, a novidade do Espírito se mostra como esperança.

No surgimento da consciência de negritude a partir dela na organização dos negros.

No reconhecimento dos povos indígenas com suas culturas e organizações originais.

JULGAR

Toda opressão é desumana e anti-cristã.

Todas as culturas precisam ser respeitadas na diversidade.

A encarnação do Verbo compromete-nos à inculturação nas diversas culturas.

AGIR

I — **Compromisso:** Assumir a dimensão profética da VR no tocante às culturas oprimidas, valorizando com Vida Religiosa as culturas negras e indígenas e acolhendo e assumindo a diversidade cultural em diálogo.

II — Pistas

1. A nível pessoal:

a) Assumir como prioridade pessoal a causa das culturas oprimidas.

b) Resgatar a identidade cultural própria;

c) Posicionar-se face ao racismo em todas as ocasiões que tiver;

d) Buscar fundamentação nas fontes da fé, da espiritualidade e do carisma para a dimensão cultural de nossa vida;

e) Partilhar na própria comunidade a reflexão feita no mutirão

2. A nível de Congregação:

a) Trabalhar a conscientização de toda a congregação para a questão das culturas oprimidas, se preciso, com o auxílio de fora;

b) Evitar o desenraizamento cultural dos vocacionados e formandos;

c) Despertar a consciência dos formadores para a questão das culturas oprimidas;

d) Trabalhar a questão das culturas oprimidas nas obras da congregação (escolas, paróquias etc.);

e) Trabalhar mais na formação inicial e permanente a igualdade na diversidade das culturas;

f) Que a congregação estude a possibilidade de liberação de religiosos para o trabalho específico com negros e índios.

3. A nível de CRB:

a) Incluir (ou intensificar) o estudo da questão das culturas oprimidas nos diversos cursos (CETESP, CERNE, Novinter, etc.) e nos GRs;

b) Estimular o intercâmbio entre o GRF e o GRENI;

c) Estimular a constituição de GRENI regionais;

d) Que no encontro de formadores em novembro seja incluída a questão das culturas oprimidas;

e) Que a CRB incentive e colabore na articulação dos religiosos negros e indígenas em âmbito continental.

III — **Expectativa: que dessa forma se reinvente a vida religiosa.**

MÓDULO 2: FORMAÇÃO

Na conjuntura do presente, formação para a VR confronta-se com os desafios dos processos culturais que se desencadeiam na e pela entrada dos rapazes e moças de hoje. Elas e eles, prove-

nientes dos meios populares, urbanos ou rurais, trazem consigo as marcas do que convencionamos chamar de modernidade.

Nossos quadros habituais de formação revelam-se inadequados. Essa inadequação provoca na maioria das Congregações e Institutos uma busca persistente de renovação. Em algumas situações vem se gerando retorno a modos disciplinares que aumentam os conflitos. Estamos entre inquietações e esperanças. Essa juventude atual está trazendo o "novo"-Esperança, capaz de revitalizar nossas Congregações e Institutos.

Julgamos que um coerente processo formativo exige atenção a cada pessoa como sujeito em processo, e a consciência e a prática de uma convivência **solidária, igualitária, participativa** e de serviço aos irmãos e irmãs.

O eixo central de um tal processo formativo é a pedagogia da fé e a configuração da identidade vocacional que passam pela comunhão com o **Mistério** da Encarnação de Jesus histórico, remetendo ao mistério trinitário. Daí nasce uma espiritualidade com novo rosto e com nova expressão, que será manifestação criativa, encarnada e vivencial da experiência pessoal e comunitária da fé e do carisma.

PISTAS: Entre as medidas pedagógicas que atendam a esses desafios acentuamos:

Necessidade de estruturas comunitárias e de formação mais flexíveis para acolher no **NOVO**.

Formação inserida nos meios populares e inserção no mundo do trabalho.

Favorecer a integração progressiva no universo religioso-cultural do Instituto, discernindo: valores perenes e os provisórios, que podem ser abandonados.

Formação de formadores abertos ao **NOVO**.

Que a CRB, através de seus organismos e Instrumentos (GRF, GRENI, CETESP...) trabalhe esses elementos nas congregações e grupos formandos.

MÓDULO 3:
VIDA COMUNITÁRIA, PESSOA, INTERCONGREGACIONALIDADE, ESPIRITUALIDADE, MÍSTICA...

Diante das transformações da sociedade e da Igreja, a Vida Comunitária está num processo de mudança, buscando novas formas que correspondam aos anseios dos/das religiosos/as e da Missão.

Por isso, à luz da Palavra de Deus, lida comunitariamente, na busca de recriar o carisma congregacional, em comunhão com os excluídos, a Igreja e outros institutos religiosos, queremos um projeto de vida pessoal e comunitária, a ser constantemente avaliado e refeito, que favoreça a valorização das pessoas, as relações fraternas, em vista da missão.

Para isto propomos:

a) Analisar, avaliar no interior da VR e na Missão as relações: pessoa-pessoa, pessoa-comunidade, comunidade-província-instituto.

b) Incentivar a formação para a vida comunitária (cursos para superiores, acompanhamento psicológico, cursos da CRB), para criar condições para experiência pessoal de Deus.

c) Evitar confusão entre Missão e trabalho, com ativismo e multiplicação de tarefas.

d) Cultivar a prontidão e sensibilidade para acolher e escutar o/a irmão/ã.

e) Buscar meios alternativos de participação na vida comunitária, no sentido de maior dinamismo e corresponsabilidade.

MÓDULO 4: LAICIDADE, MULHER, MUNDO DO TRABALHO

A Vida Religiosa no Brasil atualmente sente-se interpelada por três desafios:

a clericalização da vida religiosa

a opressão da mulher

a exclusão e a exploração no mundo do trabalho.

I — LAICIDADE DA VIDA RELIGIOSA

A VR nasceu leiga. A sua clericalização é prejudicial à sua identidade e a sua missão. O resgate da laicidade da VR é importante:

para a missão profética da VR, que deve estar presente nas fronteiras do Reino de Deus e ser semente do Evangelho nesses espaços;

para toda a Igreja, enquanto povo de Deus, re-situando os pastores dentro desse povo.

A partir do dinamismo do carisma da VR, queremos resgatar a laicidade da VR, socializar esta reflexão em todas as instâncias da vida eclesial.

II — MULHER

O processo de libertação da mulher já está presente na VR feminina e se desdobra na redescoberta do ser mulher, na tomada de consciência da con-

dição subordinada da mulher na sociedade e na Igreja e no engajamento concreto nas lutas de libertação das mulheres.

No momento sente-se a necessidade de ampliar o horizonte do debate, deslocando o eixo para a relação "masculino-feminino", de tal forma que inclua também os homens neste desafio.

Do ponto de vista bíblico, só há fecundidade através da integração masculino-feminino. O ser humano é imagem de Deus enquanto homem e mulher, enquanto abertura e comunhão.

Por isso nos comprometemos na luta pela libertação do feminino, presente em mulheres e homens, e no cultivo de uma nova relação homem-mulher, na sociedade e na Igreja.

Neste sentido, queremos rever nossa mentalidade culturalmente machista, nossa linguagem e nossa teologia; queremos contribuir para a reeducação de homens e mulheres e ensaiar novas práticas que favoreçam o resgate do feminino e a integração.

III — TRABALHO

No atual sistema opressor e pecaminoso, as relações de trabalho são injustas e geram a exclusão social, a destruição da natureza, a concentração da riqueza e os conflitos de classe.

A VR, fiel ao seguimento de Jesus Cristo, pautando-se na ética da solidariedade e a serviço da vida, da justiça e da esperança, ao aprofundar sua opção pelo mundo do trabalho, realiza sua vocação profética, construindo junto com o povo alternativas que levem à superação das estruturas pecaminosas.

ANTÔNIO CARLOS, MG, 7 DE SETEMBRO DE 1993.

NO VIII CENTENÁRIO DE CLARA DE ASSIS

*A luminosa figura de Santa Clara de Assis
foi reevocada por João Paulo II
numa carta às Clarissas Claustrais, escrita
por ocasião do VIII centenário
do nascimento da Santa Fundadora.
Eis a íntegra do texto da Mensagem pontifícia.*

João Paulo II

Roma, Itália

1. Há oitocentos anos nascia do nobre Favarone de Offreduccio Clara de Assis.

Esta “mulher nova”, como escreveram a respeito dela, numa recente Carta, os Ministros-Gerais das Famílias Franciscanas, viveu como “pequenina planta” à sombra de São Francisco, que a conduziu aos vértices da perfeição cristã. A celebração duma semelhante criatura deveras evangélica, quer ser sobretudo um convite à redescoberta da contemplação, daquele itinerário espiritual do qual só os místicos têm experiência profunda. Ler a sua antiga biografia e os seus escritos — a *Forma de vida*, o *Testamento* e as *quatro Cartas* que nos permaneceram das muitas enviadas à santa Inês de Praga — significa

imersão de tal modo no mistério de Deus Uno e Trino e de Cristo, Verbo encarnado, que se fica como que deslumbrado. Os escritos estão de tal modo marcados pelo amor suscitado nela pelo olhar ardente e prolongado em Cristo Senhor, que não é fácil repetir aquilo que só um coração de mulher pôde experimentar.

2. O itinerário contemplativo de Clara, que se concluirá com a visão do “Rei da glória” (*Proc. IV, 19: FF 3017*), inicia precisamente do seu entregar-se totalmente ao Espírito do Senhor, à maneira de Maria na Anunciação: isto é, inicia daquele espírito de pobreza (cf. *Lc 1,48*), que já não deixa nada nela senão a simplicidade do olhar fixo em Deus.

Para Clara a pobreza — tão amada e tão citada nos seus escritos — é a riqueza da alma que, despojada dos próprios bens, se abre ao “Espírito do Senhor e à sua santa atuação” (cf. *Reg. S. Ch. X*, 10: *FF* 2811), como concha vazia na qual Deus pode derramar a abundância dos seus dons. O paralelo Maria-Clara aparece no primeiro escrito de São Francisco, na “Forma vivendi” dada a Clara: “Por inspiração divina tornastes-vos filhas e servas do altíssimo e sumo Rei, o Pai celeste, e tornastes-vos esposas do Espírito Santo, escolhendo viver segundo a perfeição do santo Evangelho” (*Forma vivendi*, em *Reg. S. Ch. VI*, 3: *FF* 2788).

Clara e as suas irmãs são chamadas “esposas do Espírito Santo”: termo desusado na história da Igreja, onde a religiosa, a monja é sempre qualificada como “esposa de Cristo”. Mas ressoam aqui alguns termos da narração de Lucas acerca da Anunciação (cf. *Lc* 1, 26-38), que se tornam palavras-chaves para exprimir a experiência de Clara: o “Altíssimo”, o “Espírito Santo”, o “Filho de Deus”, a “escrava do Senhor” e, por fim, aquela “sombra” que para Clara é o velamento, no momento em que os seus cabelos, cortados, caem aos pés do altar da Virgem Maria na Porciúncula, “quase diante do tá-lamo nupcial” (cf. *Legg. S. Ch. 8*: *FF* 3170-3172).

3. A “atuação do Espírito do Senhor”, que nos é dado no Batismo, é a de criar no cristão o

rostro do Filho de Deus. Na solidão e no silêncio, que Clara escolhe como forma de vida para si e para as suas coirmãs, entre os paupérrimos muros do seu mosteiro, a meio da encosta entre Assis e a Porciúncula, dissipa-se a nuvem de fumo das palavras e das coisas terrenas, e a comunhão com Deus torna-se realidade: amor que nasce e que se doa.

Clara, inclinada em contemplação sobre o Menino de Belém, assim exorta: “uma vez que esta visão d’Ele é esplendor da glória eterna, claridade da luz perene e espelho sem mancha, todos os dias leva a tua alma para junto deste espelho... Contempla a pobreza d’Aquele que foi depositado no presépio e envolvido em pobres panos. Ó admirável humildade e pobreza que causa maravilha! O Rei dos anjos, o Senhor do céu e da terra, está recostado numa manjedoura!” (*Lett. IV*, 14. 19-21: *FF* 2902. 2904).

Ela nem sequer percebe que também o seu seio de virgem consagrada, e de “virgem pobrezinha” apegada a “Cristo pobre” (cf. *Lett. II*, 18: *FF* 2878), se torna, mediante a contemplação e a transformação, um berço do Filho de Deus (*Proc. IX*, 4: *FF* 3062). É a voz deste Menino que da Eucaristia, num momento de grande perigo — quando o mosteiro está para cair nas mãos de tropas sarracenas a serviço do Imperador Frederico II —, a consola: “Eu vos guardarei sempre!” (*Legg. S. Ch. 22*: *FF* 3202).

Na noite de Natal de 1252, Jesus Menino transporta Clara longe do seu leito de enferma e o amor, que não tem lugar nem tempo, envolve-a numa experiência mística que a imerge no abismo infinito de Deus.

4. Se Catarina de Sena é a Santa cheia de paixão pelo Sangue de Cristo, Teresa, a Grande, é a mulher que vai de "incumbência" em "incumbência" até ao limiar do Grande Rei, no Castelo interior, e Teresa do Menino Jesus é aquela que percorre, com simplicidade evangélica, a pequenina via, Clara é a *amante apaixonada do Crucificado pobre*, com quem quer absolutamente identificar-se.

Numa sua carta assim se exprime: "Vê que Ele por ti se fez objeto de desprezo, e segue o seu exemplo, tornando-te, por seu amor, desprezível neste mundo. Contempla... o teu Esposo, o mais belo entre os filhos dos homens, que, pela tua salvação, se tornou o mais vil dos homens, desprezado, espancado e no corpo inteiro repetidamente flagelado, e moribundo entre os mais pungentes sofrimentos na cruz. Medita e contempla e anseia por imitá-l'O. Se com Ele sofreres, com Ele hás-de reinar; se com Ele chorares, com Ele gozarás; se com Ele morreres na cruz da tribulação, possuirás com Ele as moradas celestes no esplendor dos santos, e o teu nome será escrito no Livro da vida..." (*Lett. II, 19-22: FF 2879-2880*).

Clara, que entrara no mosteiro com apenas 18 anos, ali morre com

59 anos, depois duma vida de sofrimentos, de oração jamais diminuída, de dificuldade e de penitência. Por causa deste "ardente desejo do Crucificado pobre", nada lhe pesará, a ponto de dizer no fim da vida ao Frei Rainaldo, que a assistia "no longo martírio de enfermidades tão graves...: Desde que conheci a graça do meu Senhor Jesus Cristo, por meio daquele seu servo Francisco, nenhuma dor me foi molesta, nenhuma penitência pesada, nenhuma enfermidade me foi dura, irmão caríssimo!" (*Legg. S. Ch. 44: FF 3247*).

5. Mas Aquele que sofre na cruz é também Aquele que reflete a glória do Pai e arrasta consigo, na sua Páscoa, quem O amou até ao ponto de compartilhar, por amor, os seus sofrimentos.

A frágil jovem de dezoito anos que, fugindo de casa na noite de domingo de Ramos do ano de 1212, se aventura na nova experiência sem hesitações, crendo no Evangelho que lhe foi indicado por Francisco e em nada mais, inteiramente imersa, com os olhos do rosto e com os do coração, no Cristo pobre e crucificado, faz experiência desta união que a transforma: "Coloca os teus olhos — escreve a Inês de Praga — diante do espelho da eternidade, coloca a tua alma no esplendor da glória, coloca o teu coração n'Aquele que é figura da substância divina e transforma-te inteiramente, por meio da contemplação, na imagem da Sua divindade. Então, também tu experimentarás o que está reservado só aos

seus amigos, e há-de saborear a doçura secreta que Deus mesmo reservou, desde o início, àqueles que O amam. Sem conceder nem sequer um olhar às seduções, que neste mundo falaz e irrequieto estendem laços aos cegos que a ele têm agarrado o próprio coração, com todo o teu ser ama Aquele que, por teu amor, se doou inteiramente” (*Lett. III, 12-15: FF 2888-2889*).

Então o duro leito da cruz se torna o doce tálamo de núpcias e a “clausura vitalícia por amor” encontra os significados mais apaixonados da Esposa do Cântico: “Atraí-me a Ti, ó Esposo celeste... Correrei sem jamais me cansar, até que Tu me introduzas na tua cela” (*Lett. IV, 30-32: FF 2906*).

Fechada no Mosteiro de São Damiano, numa vida marcada pela pobreza, trabalho, tribulação e doença, mas também por uma comunhão fraterna tão intensa a ser qualificada, na linguagem da “Forma de vita”, com o nome de “santa unidade” (*Bula inicial, 18: FF 2749*), Clara conhece a alegria mais pura, que jamais foi dada a uma criatura experimentar: a de viver em Cristo a perfeita união das Três Pessoas divinas, entrando quase no circuito inefável do amor trinitário.

6. A vida de Clara, sob a guia de Francisco, não foi uma vida eremítica, ainda que contemplativa e claustral. Em torno dela, que queria viver como os pássaros do céu e os lírios do campo (*Mt 6, 26.28*), reuniu-se um primeiro nú-

cleo de religiosas, contentes só de Deus. Este “pequeno rebanho”, que se foi ampliando rapidamente — em Agosto de 1228 os mosteiros das Clarissas eram cerca de 25 (cf. *Carta do Cardeal Rainaldo: AFH 5, 1912, pp. 444-446*) — não nutria temor algum (cf. *Lc 12,32*): a fé era para elas motivo de segurança tranqüila no meio de qualquer perigo. Clara e as Irmãs tinham um coração grande como o mundo: como contemplativas intercediam pela humanidade inteira. Como almas sensíveis aos problemas quotidianos de cada um, sabiam ocupar-se de todo o sofrimento: não havia preocupação de alguém, sofrimento, angústia, desespero que não encontrasse eco no seu coração de mulheres orantes. Clara chorou e suplicou ao Senhor pela amada cidade de Assis, asediada pelas tropas de Vitale de Aversa, obtendo que a cidade ficasse livre da guerra; orava todos os dias pelos doentes e, muitas vezes, curava-os com um sinal da cruz. Persuadida de que não há vida apostólica, se não se imerge no peito dilacerado de Cristo, escrevia a Inês de Praga com as palavras de São Paulo: “Estimo-te colaboradora de Deus mesmo (*Rom 16, 3*) e sustento dos membros fracos e vacilantes do seu Corpo inefável” (*Lett. III, 8: FF 2886*).

7. Clara de Assis, também por um tipo de iconografia que teve amplo sucesso a partir do século XVI, é muitas vezes representada com o ostensório na mão. O gesto recorda, se bem que numa atitude

mais solene, a realidade humilde desta mulher, que, já muito doente, se prostrava, amparada por duas Irmãs, diante do cibório de prata que continha a Eucaristia (cf. *Legg. S. Ch. 21: FF 3201*), posto diante da porta do refeitório, onde estava para se abater a fúria das tropas do Imperador. Clara vivia daquele Pão, que no entanto, segundo o uso do tempo, só se podia receber sete vezes ao ano. No leito da sua enfermidade bordava corporais e enviava-os às igrejas pobres da região dos Vales de Espoleto.

Na realidade, a vida inteira de Clara era uma eucaristia, porque — de igual modo como Francisco — ela elevava da sua clausura um contínuo “agradecimento” a Deus com a oração, o louvor, a súplica,

a intercessão, as lágrimas, a oferta e o sacrifício. Tudo era por ela acolhido e oferecido ao Pai, em união com a infinita “ação de graças” do Filho unigênito, menino, crucificado, ressuscitado, vivo à direita do Pai.

Nesta circunstância jubilar, caríssimas Irmãs, a atenção da Igreja inteira dirige-se, com interesse crescente, para a luminosa figura da vossa Mãe amadíssima. Com que maior fervor deve convergir para ela o vosso olhar, a fim de haurirdes dos seus exemplos estímulo a intensificar o impulso para corresponder às graças do Senhor, com dedicação quotidiana àquele empenho de vida contemplativa, da qual a Igreja haure tanta força para a sua ação missionária no mundo hodierno. □

A Igreja: defensora incansável dos índios

Quero prestar homenagem aos descendentes dos homens e das mulheres que povoavam o continente latino-americano quando a Cruz de Cristo foi plantada no dia 12 de outubro de 1492. Eles são continuadores de nobres povos e culturas que podem gloriar-se de possuir uma visão permeada de sentido religioso. Desde os primeiros passos da evangelização, a Igreja Católica foi defensora incansável dos índios, protetora dos valores que havia nas suas culturas, promotora de humanidade diante dos abusos de colonizadores, sem escrúpulos, que não souberam ver nos indígenas irmãos e filhos do mesmo Pai e Deus. A denúncia das injustiças e opressões, feita por Bartolomeu de Las Casas, Antônio de Montesinos, Vasco de Quiroga, José de Anchieta, Manuel da Nóbrega, Pedro de Córdoba, Bartolomeu de Olmedo, João do Vale e tantos outros, foi como um clamor que propiciou uma legislação inspirada no reconhecimento do valor sagrado da pessoa e testemunho profético contra os abusos cometidos na época da colonização. *João Paulo II, no Santuário mariano de Izamal, México, no dia 11 de agosto de 1993.*

FORMAÇÃO PARA UM NOVO MILÊNIO

Alguns traços característicos e significativos do mundo de hoje que constituem desafios à Vida Consagrada e por isso pedem resposta no campo da formação inicial e permanente. Seis respostas para seis desafios.

Pe. Alberto Teixeira de Brito

Lisboa, Portugal

1. Desenvolver a consciência crítica

É já lugar comum afirmar-se que vivemos num mundo em acelerada transformação e mudança, onde o contraste de grandes opiniões e correntes é cada vez mais acentuado, onde as pessoas são invadidas permanentemente com um caudal imenso de informações, e com a proximidade do novo milênio com toda a probabilidade aumentarão os grandes entusiasmos, as previsões apocalípticas. Temos neste momento um sem número de canais de televisão, sem falar no aumento da floresta das parabólicas; os clubes de vídeo já chegaram às aldeias; as bases de dados, os tratamentos de texto, a engenharia de sistemas não páram; a digitação é já uma revolução. Aparecem revistas novas todas as semanas. Chega-se ao ponto de ter três aparelhos de televisão numa família,

para o pai poder ver um canal, a mãe outro, os filhos outro. Num outro comprimento de onda, os conselhos da vizinha, as conversas de café, as pretensões a ser médicos que todos temos (de médico, poeta e louco todos temos um pouco...) não terminarão. A parada do ônibus tem entre dois a cinco anúncios; a entrada num bar equivale a cem ou trezentos spots publicitários em menos de três minutos (reparem que o rótulo de uma garrafa é um reclame!). As crianças já não pedem aos pais um tênis ou uma camiseta, mas uma marca; e se não conseguem o que querem, é sempre possível bater à porta da avó ou da tia.

Nós religiosos, além de estarmos sujeitos ao consumismo material, corremos igualmente o perigo de consumir cursos, ouvir conferências, ler artigos (embora na leitura já seja diferente) pensando que

por se tratar de coisas boas e até já conhecidas, à partida estão sabidas. O problema é que a assimilação não está sujeita a aceleração; por isso é que a formação não pode ser rápida.

Com o bombardear constante de tanta informação, somos provocados no sentido de *desenvolver a consciência crítica*. O receber *acriticamente* de quem engole tudo não alimenta; transforma-se a pessoa num saco sem fundo que perde o que recebe. Além disso, ao receber tudo acriticamente e sem filtros, a própria pessoa acaba por se ver a certa altura diluída na massa, com contornos não definidos, sem distância em relação ao meio ambiente, sem perceber até o que se passa à sua volta, por ter — passe a expressão — o nariz metido em tudo.

No extremo contrário, encontramos o *criticismo* de quem não educa o receber e, muitas vezes por medo, acaba por não sair da sua esfera, vendo o mundo da janela, à distância, fazendo juízos apressados, parciais e falsos, mesmo sem perceber o que se passa.

Se tenta evitar a realidade, aparece a fuga, a demasiada distância, a *secura*, o quadriculado onde a pessoa acaba por se encerrar e que lhe causa a própria asfixia; se se deixa absorver pela realidade, aliena-se, enfronha-se e dilui-se, tendo no horizonte a diluição da própria personalidade.

Pelo educar da consciência crítica, a pessoa aprenderá a não fazer

juízos precipitados, a não pensar automaticamente pela opinião em voga, pela cabeça dos outros, ou pelo sentir comum. Ou, dito pela positiva, passará a ter um pensar, um querer, um sentir seu, próprio, pessoal, legítimo, livre. E ao aprender a julgar, está no caminho de decidir e acertar por si, com referência cada vez mais necessária aos critérios, como pesos de balança. Aprende a ser ela própria em qualquer circunstância.

Na formação à vida religiosa (inicial ou permanente) se não se desenvolve a consciência crítica, ou teremos uma vida dita religiosa, que se confunde de tal modo com o meio e se deixa invadir, envolver e absorver até ao ponto onde já nada é sinal; ou então deparar-nos-emos com uma vida dita religiosa encerrada nas paredes da igreja (ou quando muito na sacristia), por demasiada distância e medo de um mundo que não se conhece e sobre o qual, apesar disso, se formulam juízos fáceis, epidérmicos e habitualmente pejorativos. O caixote do lixo é certamente das maiores invenções da humanidade. Sem sentido crítico, o balde não se usa e acaba por se poluir o espaço pessoal e o ambiente. A poluição interior é sempre fruto da falta de consciência crítica.

Ao exercer a capacidade de julgar, o uso dos critérios do Evangelho forma o homem segundo o Evangelho. Se esses critérios não servem para pesar e não passam pela consciência e pela liberdade, também eles estão sujeitos a cair.

A arte do discernimento, no fundo, é essa: a de ajuizar segundo Deus e à Sua Luz, progredindo na capacidade de distinguir o trigo do joio até à destrição final e definitiva, onde, então sim, se verá o preto no branco, sem equívocos nem ambigüidades. Até lá, sempre que se cresce na capacidade de ajuizar segundo o Evangelho, participa-se já do juízo definitivo de Deus, enxerga-se para além das aparências, antecipa-se o verdadeiro ver dos últimos tempos, no qual é já, e sempre, possível crescer. Por este treino, percebe-se que o definitivo passa pelo transitório, o sobrenatural através do natural, o divino por dentro do humano e — felizmente — não ao lado nem por cima. Porque esta trança é uma só, torna-se necessário aprender, pelo exercício crítico do discernimento espiritual, a destrançar (ou destrinçar) para pesar, decidir e agir.

1º desafio — 1ª resposta: no contraste das grandes opiniões, na floresta da informação e perante os inúmeros estímulos da sociedade hodierna, a formação precisa de apostar mais no desenvolvimento da consciência crítica evangélica, que se aprende pelo exercício de valorar a realidade com os pesos que são os critérios do Evangelho.

2. Aplicar-se na concentração

Outro fenômeno de hoje — e particularmente entre a gente nova — é o apreço pela sociabilidade, pelo convívio. Encontramos gente com relação fácil, maior sinceridade e frontalidade, e ao mes-

mo tempo com pouca hipótese de fazer silêncio, e por isso mesmo, quando tem possibilidade de o fazer, nem sabe bem como o há-de gerir. Também há quem faça com imensa seriedade esses tempos de silêncio e oração.

Ora, para formar o homem de Deus, ontem como hoje, o silêncio é imprescindível. Antes, tínhamos uma vida mais pautada e prescrita exteriormente: andava-se em forma nos corredores, saudavam-se as pessoas sempre da mesma maneira, as vassouras estavam guardadas no mesmo lugar em todas as casas, o local das pessoas à mesa pouco variava. E estas práticas exteriores proporcionaram a muita gente uma interiorização e síntese pessoal de vida, em grau verdadeiramente notável. No entanto, muitos outros, quando essas práticas voaram, sentiram-se despídos no meio da praça, sem consistência interna que lhes permitisse agüentarem-se nos ventos e marés pós-conciliares. Donde se conclui, que a passagem do exterior para o interior não é automática.

Temos hoje que encontrar novas maneiras de ir ao essencial, à raiz, isto é, novas formas de ser radical (não confundir com extremista). Temos de passar para além do aparente. Precisamos de uma formação mais cuidada, mais longa, mais atualizada. E isso precisa de tempo, de assento, de maior pouso, de *concentração*. Não podemos sacrificar o presente ao futuro, para não ter que vir a sacrificar o futuro ao presente. A formação não pode ser

uma linha de montagem. Pinturas e vernizes vão-se ao ar com um ou dois invernos.

Se chamo a este filão "*concentração*" é porque penso que a formação espiritual, intelectual e cultural se destina à assimilação da verdade revelada em Cristo e entregue à Igreja, para que o consagrado a possa anunciar e transmitir adequadamente aos homens de hoje. Precisamos então de conhecer, assimilar e reformular uma linguagem muitas vezes gasta, hermética, que facilmente leva ao desinteresse e alheamento dos homens do nosso tempo. Temos que lidar com o mundo secularizado, agnóstico, desinteressado e ateu, sendo fiéis à mensagem do Evangelho e ao mesmo tempo sendo pessoas de trato acessível, que usam uma linguagem compreensível. Teremos então, por um lado, que ser fiéis à fé comunicada aos santos de uma vez para sempre (Judas 1,3) e também procurar um conhecimento vital do homem e do mundo de hoje. A qualidade de relação com Deus e da vida de oração, o domínio da arte de falar e de escrever, a aprendizagem de línguas, a leitura e uso de alguns meios de comunicação social, o hábito de reflexão séria e ordenada (vale mais uma cabeça bem feita que uma cabeça bem cheia) a aquisição de conhecimentos amplos e profundos nas Ciências Sagradas, a possibilidade de alguma especialização, exigem tempo, precisam de ruminação, não se encontram no supermercado, ou em pas-

tilhas. A assimilação não está sujeita a aceleração.

Durante o período de formação inicial (Postulantado, Noviciado, Juniorado) parece-me pelo menos tão importante como a escola ou Instituição onde se estuda, a comunidade onde se vive, por se tratar do espaço onde se aprende a unidade e a diversidade, o tempo da integração progressiva, num corpo e comunidade com liderança própria, a altura de aprender a trocar e confrontar experiências, a hipótese de conhecer e viver em comunidade a espiritualidade e carisma do próprio Instituto, a oportunidade de programar e avaliar as diversas etapas nos seus vários aspectos humanos e institucionais.

A concentração vejo-a também absolutamente indispensável para que a identificação do jovem religioso vindo deste mundo e juventude concreta, não seja feita apenas com as obras. Nos nossos Institutos, as pessoas agrupam-se por setores ou comissões, habitualmente segundo o critério da atividade que exercem: assistência social, educação, saúde, trabalho paroquial, juvenil, etc. Mas acontece que os tempos mudam, as obras vão assumindo novas formas, transformam-se, renascem, morrem. E as pessoas que se identificam com a sua atividade, quando as obras entram em crise, entram as pessoas em crise também. A Vida Religiosa precisa de ter por fonte permanente a experiência espiritual de que Deus é o Absoluto. Não me refiro tanto ao conhecimento siste-

mático ou teológico da realidade de Deus, quanto à experiência crescente de paz e alegria, à “experiência fundante” (na expressão de J. B. Libânio) a única que segura quando as crises batem à porta, e que no dia a dia é facilmente ofuscada pela eficácia das atividades ou pelo estrondo dos êxitos. Todos os nossos fundadores arrancaram desta experiência fundante de Deus, que depois assumiu formas concretas muito distintas. Antes do mais, sempre estive a certeza de que “só Deus basta”! É esta raiz que as próprias estruturas da Vida Religiosa têm que favorecer, quanto delas dependa.

No entanto, na prática, a identificação com um Instituto desperta-se através da sintonia com uma atividade concreta: o gosto pelo trabalho com doentes, crianças, etc. Mas temos de prestar atenção à *evolução e purificação das motivações*. Exerce-se e ganha-se gosto por uma atividade, mas se não se progride na experiência-base de homens e mulheres de raiz em Deus, a renovação acaba por perder seriedade, a projeção apostólica perde profundidade, o despertar vocacional perde impacto.

Não dará que pensar a experiência por que certamente todos passamos de organizar só a atividade — se bem que apostólica — e de rapidamente nos cansarmos? Por exemplo, quando buscamos soluções conjunturais numa sucessão de novas obras apostólicas, sem mudar o modo de atuar: canso-me

de trabalhar em colégios vou para paróquias, vou para outra forma de trabalho. E quando me cansar, para onde vou? Até quando? E se não mudar de atividade, mas colocar o acento tônico no que faço, facilmente me torno funcionário de uma firma (por sinal multinacional...) vou dar em cético, arrastando a vida quase de maneira fatalista, mas sem deixar de viver a angústia latente de uma vida que um dia tinha sentido e agora tem falta dele. A outra hipótese, mas sempre de quem privilegia o fazer, seria conformar-me com uma vida medíocre e burguesa, acomodada, tornando facilmente a comunidade num hotel, percebendo que noutro lado poderia fazer muito mais, mas que também já não vale a pena. Felizmente, há sobretudo a hipótese de me entregar a Deus e só a Deus (sem ter medo do só) e n'Ele a tudo e a todos, pertencendo tudo a todos, muitas vezes sem dar nas vistas, levando uma vida de verdadeira entrega de cara satisfeita, de doação, de sentido de humor e de liberdade, sinal vivo que o Reino de Deus está já presente no meio dos homens.

Todo este discurso só para dizer que o religioso de mão cheia e de raiz plena em Deus, que ainda nenhum de nós é, demora tempo a fazer-se e precisa de concentração. O mundo de hoje, tantas vezes agitado e disperso, bem reclama a presença pobre e simples desta gente de Deus, que por ser de Deus é mais dos homens e de cada homem.

2º desafio — 2ª resposta: num mundo sociável e de muito convívio (diferente de muita relação) demasiado virado para fora e para o imediato, a formação precisa de apostar na concentração da pessoa de raiz em Deus. Quanto mais funda for essa raiz, maior será a fidelidade pessoal, a duração e solidez da opção, a liberdade. A fidelidade e perseverança no futuro dependem da profundidade do presente.

3. Sabe arriscar

Decorrente ainda da mudança e transformação constante, rápida e acentuada, vivemos em tempos que geram grande sensação de insegurança. As pessoas jogam cada vez mais pelo seguro e parece que têm pouco sentido de risco. As coisas só se fazem depois de muito bem pensadas, calculadas, programadas: as compras, as férias, o número de filhos, etc. E com a insegurança aumenta o individualismo. Por um lado, ainda bem que se programa, avalia que não se atua ao acaso. Mas é fácil, dada a incerteza, perder o sentido de risco.

No nosso estilo de vida, como na evangelização, precisamos de arriscar mais. Onde cada vez menos as pessoas vão à Igreja, cada vez a Igreja tem de inventar formas de ir ter e estar mais com as pessoas. Se calhar, uma das grandes formas é precisamente através do *estilo de vida*. Penso que o estilo de vida é que há-de ser a "publicidade" (passe o termo). Muitas vezes acontece que o nosso es-

tilo de vida não é visível; outras vezes, se é visível, não é publicidade, dizia o P. Arrupe. Parece-me que às vezes o nosso estilo de vida permanece demasiado misterioso, tornando fácil o aparecimento de boatos, suposições, imaginações, sobretudo para quem pensa que dentro dos conventos reina a rotina, o isolamento, a regra (no mau sentido do termo). A amizade e a estima mútuas transparecem pouco. A nossa vida precisa de ser mais conhecida. Dá-me a idéia que arriscamos pouco, ou podemos arriscar muito mais; e não me estou a referir ao vistoso, ao triunfalista, ao espetacular. A paixão pelo Rei, que continua a ser a contínua inspiração do trabalho pelo Reino, o gerador do vigor, do sentido da entrega e da esperança, tem que nos levar a dar mais a conhecer — a começar pelos nossos amigos, colaboradores e conhecidos — o que é viver em comunhão com Deus. E isso há-de emergir do nosso pensar, conversar, trabalhar. Parece-me que neste campo existe um pudor exagerado. Muitas vezes também nem tempo temos, dada a sobrecarga de trabalho diário. Ocupados dia e noite com atividades, acabamos por não encontrar tempo para estar de maneira mais gratuita com as pessoas, com aqueles que com gosto aproveitariam a oportunidade para colocar as suas questões. No entanto, mais importantes que as questões, ainda são as pessoas que as colocam. A presença, o calor, a abertura, o interesse, a frontalidade e o desassombro, a bondade de Jesus é que se-

rão a grande inspiração para aprender o Seu/nosso modo de estar no mundo.

Precisamos de *comunicar o carisma*, como a grande riqueza que levamos conosco. Penso que no futuro o carisma será cada vez mais vivido por outros e não só por "nós". É um filão a explorar na Igreja, mesmo que venham a aumentar as vocações de consagração. É um modo de ligar mais os leigos à missão da Igreja, sobretudo quando têm dificuldade de perceber ou colaborar com a Igreja institucional. E não é só uma questão de enriquecer os nossos Institutos; trata-se sobretudo de enriquecer a Igreja e os homens de hoje. Foi-nos e é-nos dado algo que não podemos monopolizar. Talvez seja este um dos aspectos positivos da falta de vocações: leva-nos a partilhar o carisma que pode e deve ser vivido — em formas diferentes, é claro — pelos leigos também. Se calhar, só quando partilharmos o que nos foi dado, é que podemos compreender e assimilar o que levamos conosco. Seremos cada vez mais obrigados a sair de nós, a viver em comunhão eclesial de um modo diferente e com a originalidade que o Espírito do Senhor nos mostrar. Se não o fazemos, empobrecemos a Igreja, o Instituto e a Humanidade. Os grandes problemas que temos não nos podem fechar nem deixar a contemplar o próprio umbigo, como Buda. Se estamos apaixonados pelo carisma que o Senhor nos dá e não podemos viver sem ele, também haveremos de encontrar ma-

neira de o viver no nosso tempo. Além disso, penso que uma Comunidade que vive o seu carisma não pode deixar de suscitar vocações. A originalidade e o vigor vêm desta fonte e tornar-nos-ão mais animadores que gestores.

Dentro deste capítulo do saber arriscar, caberia falar ainda do necessário que é arriscar na arte, nas novas tecnologias, nos tempos de lazer.

Arriscar, no fundo, é confiar. "Faz-te ao largo e lança as redes!". "Mestre, nós trabalhamos toda a noite e não apanhamos nada, mas porque tu o dizes..." Lançou, veio o fruto e depois (só depois) Pedro percebeu quem é o Senhor, que é ele mesmo (Pedro) e que tenha valido a pena confiar. Se não arriscarmos, não surgirão os frutos; se não há frutos, não compreendemos existencialmente que valeu a pena ter arriscado e entretanto continuamos no mesmo sítio. Não é por acaso que aparece tanta vez no Evangelho a expressão "não tenhais medo!".

3º desafio — 3ª resposta: num mundo de instabilidade, de jogar pelo seguro e de pouco sentido de risco (risco da confiança) é preciso aprender a arriscar arriscando, a ultrapassar o calculismo, a sair da sua própria esfera.

4. Rodar em equilíbrio afetivo

Outro fenómeno hodierno é a sensibilidade viva (às vezes com toques de hipersensibilidade) a generosidade e o bom coração (em-

bora freqüentemente com fraco estômago para digerir tanta emoção) e a afetividade com menor estabilidade e muito ligada ao sentimento do momento, o que torna difícil a constância e a aquisição de um ritmo, faz aparecer o medo ou até o horror do ordinário, do quotidiano, do monótono. O trato rapazes-moças, dum modo geral, é mais saudável e espontâneo, mas talvez também mais ingênuo. Numa palavra, vejo os jovens de hoje mais cedo mais lúcidos, mas durante mais tempo vulneráveis. Acrescente-se ainda a falta do sentido da História e do tempo, precisamente por se dar demasiado importância ao momento.

Neste capítulo, vejo a necessidade de começar pela sã autoestima, pelo justo apreço por aquilo que Deus vê, conhece e ama, ou seja, o existente. Aliás, só se pode educar o que existe o que não existe, pela única e simples razão de não existir, não é educável. A "des-estima" torna o homem dependente, leva-o a procurar o que lhe falta, acabando por ser comandado de fora e aumentando assim o sofrimento e o desgaste. Torna-se necessário começar pelo conhecimento da realidade, processo lento e doloroso, de quem passa *do porquê* de tantos sentimentos, dependência e lutas estéreis, *ao para quê*, ao pólo para onde livremente se aceita que convirjam todas as energias e capacidade de amar do coração humano. Se a pessoa aponta e se deixa mobilizar para esse pólo (o próprio Deus em pessoa, ou as Pessoas de Deus) quanto

mais caminha para lá, mais se mantém em equilíbrio. Refiro-me ao equilíbrio da bicicleta, máquina que só se mantém equilibrada em andamento. Num ponto isolado e parada, tomba; em movimento, equilibra-se. Precisamos apontar e nos deixar mobilizar para um pólo, para nos mantermos em equilíbrio. A grande questão da vida, por isso, é o *para quê*, a finalidade, pois dela depende o *sentido da vida*. Se as energias (também as afetivas e sexuais) estão orientadas e se deixam mobilizar para a única realidade que interessa, vai-se fazendo a unidade na pessoa, mantém-se o equilíbrio e surge o coração casto pelo Reino, tantas vezes no meio de uma carne atormentada.

O trabalho de base há-de ser, então, conhecer, reconhecer e ligar-se afetivamente a cada uma das três Pessoas divinas (cf. ponto 2), juntamente com o investimento na qualidade do trato e amizade com os outros, o empenhar-me de alma e coração no serviço que me é confiado, o aprender a estar só sem me isolar, o saber aceitar que precisam de mim, o deixar-me ajudar, o viver o aqui e o agora com sentido de humor, o investir da formação permanente.

No entanto, temos de confessar que o equilíbrio afetivo não é fácil no meio de valores tão contrastados e pouco criteriosos do mundo de hoje. Creio só ser possível progredir recorrendo, com discernimento, a medidas variadas. O modo de amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, com todas

as forças, vai-no-lo dando a conhecer o próprio Senhor, através das mudanças, sobretudo nas atividades que precisam ser reguladas: descanso, fumo, alimentação, diversão, tempo de estudo ou de trabalho. - Aqui, parece-me indispensável a educação da vontade (diferente de voluntarismo, uma vez que este não é lúcido), que talvez se possa resumir desta maneira: é preciso que eu queira o que faço, que o assimile pela vontade, que não o faça porque sou obrigado, que não me mova pelas circunstâncias, mas pelo que quero realmente fazer. E se não chego a colocar os meios que levam para o quero, digo que quero, mas não quero.

Ligada à questão do equilíbrio afetivo e sexual, está a *noção de corpo*, e daí a relação com o corpo próprio e alheio. O corpo não é algo de mau, baixo e vil, em si mesmo. Como em tudo no campo da moral, o mal não está nas coisas, mas no uso ou abuso. Tudo no corpo humano é inundado pelo espírito, como tudo no espírito humano é corporeizado. Será que o corpo humano se limita ao físico? Onde estão as barreiras do corpo? O globo ocular é bem circunscrito ao físico, mas onde termina o olhar? As cordas vocais são algo de bem material, mas que dizer das espantosas potencialidades da voz humana, tão reflexo da pessoa e da sua relação como o olhar? Não estará o gesto para além dos ossos e músculos do braço, para já não falar de toda a expressão corporal? Não esqueçamos que corpo é

diferente de matéria. Um cadáver é um aglomerado de matéria, mas um corpo é um ser vivificado, todo ele posto em relação. Pelo corpo acontece a nossa maneira de estar no mundo. E quando Jesus, no grande gesto e palavra da Sua vida, afirma "isto é o Meu Corpo, que será entregue por vós" diz-nos que sempre esteve — e está — neste mundo em estado de entrega, de doação e expressão de um amor apaixonado que vai até ao fim. Nem o sofrimento nem a morte, que aliás Ele experimentou no próprio corpo, conseguiram pôr um ponto final no dinamismo desta entrega ao Pai por nós. Esta foi e é a razão de ser da mobilização de Jesus, o que O manteve em equilíbrio, o que O fez ser Casto, o que O fez viver livre do medo e do desejo (embora sentindo-os), o que O fez amar com amizade viril e terna, o que O fez a todos pertencer todo, o que O fez ressuscitar para estar ainda mais próximo de nós, o que O fez subir aos céus para nos preparar um lugar, levando-nos já com Ele e enviando-nos o Seu Espírito, até nos reunir a todos na Casa do Pai.

4º desafio — 4ª resposta: num mundo que coloca tanto a emotividade no momento (no instante) e com dificuldade de estabelecer relações pessoais duradouras, a formação precisa de investir na mobilização para o pólo único (a Trindade) que mantém a pessoa em equilíbrio afetivo e lhe faz perder o medo de amar todos e de amar cada pessoa, à maneira de Jesus Cristo.

5. Exercer a solidariedade

Embora a sociedade esteja cada vez mais diversificada e haja maior sentido do provisório e maior aceitação das diferenças, também encontramos o relativismo desorientador, a insegurança de critérios, a instabilidade de projetos na vida e na maneira de estar no mundo. Os argumentos de natureza econômica assumem maior peso: interessa ter, comprar mais, comparar mais... e isto leva ao individualismo. É frequente as pessoas sentirem-se peças de máquina, numa teia de relações onde aumenta a competitividade e por isso baixa a solidariedade.

Será preciso assim exercer a solidariedade, começando entre os próprios formandos: aprender a estar e a conversar com outro que pensa de modo diferente, perceber e praticar a justiça no trato, comentar uma notícia do jornal com preocupação de justiça, sensibilizar-se às situações de quem não tem pão, cultura, voz, fé. O mundo lança-nos novos desafios, mas coloca-nos também à disposição novos instrumentos, meios novos de conhecer o homem e a sociedade, tornando a ação mais eficaz. Precisamos de nos sensibilizar às aspirações e lutas dos homens do nosso tempo, não só formando "para" o pobre, mas "a partir da" sua perspectiva. Entre os homens sempre houve quem manda e quem trabalha, o senhor e o escravo. E quando o escravo se apanha na posição de senhor, tende a fazer — também ele — novos escravos. É

a dialética do senhor e do escravo, tão bem vista por Hegel e explorada depois. Este ciclo vicioso só se quebra quando um Senhor se faz escravo. Estoura pelas costuras a roda dentada da opressão, da violência, da injustiça, do homicídio, da guerra. "Entendeis o que vos fiz?" pergunta Jesus aos discípulos depois de lhes lavar os pés. "Fazei-o vós do mesmo modo!" De fato, Jesus no lava-pés olha-nos de baixo para cima e portanto nós é que estamos a olhar para o Senhor que se colocou embaixo. O Senhor não só se faz homem; faz-se nosso servo. É deste modo que exerce a solidariedade.

Temos de ir mais ao encontro de quem nunca ouviu falar de Deus, de quem está esquecido, oprimido, caído, nas regiões chamadas "terras de missão", como nas tradicionalmente cristãs que se tornaram "pagãs". O homem pode hoje tornar o mundo mais justo, mas não o quer a sério. A injustiça que reina hoje no mundo sob diversas formas, negando a dignidade e os direitos do homem, imagem de Deus e irmão de Cristo, constitui um ateísmo prático, uma negação de Deus. O culto do dinheiro, do progresso, do prestígio, do poder, realidades boas em si mas ambíguas, cegam e levam à manipulação e à injustiça.

Por isso, é preciso haver quem mostre no mundo de hoje que a esperança cristã não é nenhum ópio. Pelo contrário, leva-nos a um compromisso firme e realista

de fazermos o mundo diferente do que é e por conseguinte sinal de outro mundo diferente. A relação com Deus joga-se na relação homem a homem. Já estamos na cena do juízo final. E isto há que exercitá-lo: vai e faz! Depois, e só depois, se compreenderá, porque se viveu ou vive. Na ordem do executar, primeiro percebe-se, depois executa-se; na ordem do ser e do amar, primeiro vive-se e depois é que se compreende.

Começando por casa, podemos pensar e rever que capacidade temos para o trabalho em equipe para a ajuda mútua e correção fraterna, para viver em Comunidade com um líder próprio, para superar tensões, para não levantar a voz em sinal de afirmação, para superar as invejas e ciúmes, para curar os ressentimentos e azedumes, para colocar o bem e proveito do outro acima do meu próprio bem e glória. Diminuirá aqui a distância entre o pensar e o agir, aumentará a coerência, ganhar-se-á gosto pelo exercício da solidariedade: rica ascese, para que o Amor seja! É que a primeira condição para se viver em comunidade ainda é aceitar viver na comunidade em que vivo.

5º desafio — 5ª resposta: num mundo em que a vivência do amor é ameaçada pela competição e individualismo, o efetivo exercício da solidariedade (= prática da caridade) será o grande testemunho de que o Reino de Deus já está no meio de nós.

6. Alargar em espírito ecumênico

Estamos numa época de sincretismos, de saladas "tutti frutti", onde o eclético muitas vezes vale mais que o coerente. Vai-se aproveitando daqui e dali, numa acumulação indiscernida, nos bens materiais como nos espirituais. E nós religiosos não estamos isentos desta maleita; ainda não se inventou a vacina.

A nível social, religioso e político, caem os muros, há maior contato oriente-ocidente, maior sensibilidade ao afastamento norte-sul (embora com largo caminho a percorrer) progressos notáveis no entendimento entre diferentes confissões de fé. As viagens e os meios de comunicação social põem os extremos cada vez mais próximos.

No entanto, parece-me que há muito caminho a fazer a nível da compreensão, aceitação e tolerância. Se aceitamos só os que são da mesma cor ou partido político, do mesmo clube de futebol, os que gostam da mesma música, os que sintonizam a mesma escola de espiritualidade, os que partilham o mesmo credo, não aceitamos ninguém. Se me restrinjo a esses, então estou a relacionar-me com aquilo que eu gosto de ver nos outros; e nesse caso, essas pessoas passam a ser os cabides onde estão penduradas as coisas que eu gosto de ver nos outros; logo, não é a eles que estou a aceitar. A aceitação, ou é universal, ou não é aceitação; ou é incondicional, ou não é aceitação. Não me refiro a concordar com as

idéias do outro; estou a falar de deixar a outra pessoa ser ela mesma diante de mim, sem que tenha necessidade de se defender de mim; nessa altura, aceito-a. É a motivação desta atuação, para nós, muito mais que ser uma questão de democracia ou de simples coincidência com a Declaração dos Direitos do Homem, é ser para os outros imagem daquilo que Deus é para conosco; é ser imagem (por pálida que seja, mas imagem) da bondade e misericórdia do coração de Jesus Cristo, que vai *até ao amor dos inimigos*.

Neste campo, não será que temos todos de começar por nós, revendo a maneira como falamos uns dos outros, como respeitamos os diferentes carismas e os pomos ao serviço do bem universal, como progredimos no sentido de comunhão de vida numa Igreja que é comunidade de comunidades, onde nenhuma pessoa ou grupo esgota a riqueza do seguimento de Jesus? Não será que temos de encontrar novas formas de colaboração intercongregacional, de crescer no espírito eclesial, de conhecer e nos relacionarmos com outras confissões cristãs, com outras religiões? E respeitar não significa de maneira nenhuma acanhamento e demasiado pudor em dar a conhecer o nosso modo de ser e proceder; a fidelidade ao que o Senhor nos confia, certamente nos dará a humildade e ao mesmo tempo o desassombro e a frontalidade, sem imposição ou arrogância.

Precisamos aprender a discutir com pessoas com opiniões diferentes, sem nos enquistarmos ou absolutizarmos a própria opinião e sem nos vendermos à opinião em voga, não nos refugiando na ignorância fácil do repetir sistemático do "não sei", sem embarcar na sofreguidão insaciável e na acumulação de sacos vazios, sem nos evadirmos no balão cor de rosa do lírico que não cria, no gosto amargo e revoltado de quem não transforma, na porta falsa de quem se marginaliza por medo ou por se julgar melhor.

O amor de Jesus Cristo foi e vai até ao amor dos inimigos. Mais: distingue-se por isto, pelo exagero do perdão, pelo afastamento do pecado e a aproximação e compreensão incondicional e universal do pecador, para que a caridade seja já o definitivo. A intolerância, a inflexibilidade, a intransigência não podem ser por isso sinais de Deus e de quem se move e vive em comunhão com Ele. No fundo, são sinal de mesquinhez, de vistas curtas, de falsa segurança.

O espírito ecumênico será sinal de que se vive da caridade, de que se vai além da democracia parlamentar ou da simples convivência (relacionar-se é muito mais do que conviver) de que se aproximam os tempos em que o leão e o cordeiro comerão juntos. Na prática, não és tu que cedes a mim, nem eu a ti, mas ambos procuramos a verdade que nos transcende, superior a ambos e a cada um de nós; quanto mais nos aproximarmos da verda-

de, mais perto um do outro nos encontramos. Se vejo esta questão só como uma luta entre mim e ti, faltam-me os horizontes, absolutizo as opiniões, ferver em pouca água, faço um ídolo do meu esquema, fecho-me inclusive àquilo para que o próprio Deus me puxa, tantas vezes através do confronto com opiniões diferentes e até contrárias.

6º desafio — 6ª resposta: num mundo sincrético, onde é fácil a acumulação indiscernida, a formação precisa investir no alargamento e diálogo, no espírito ecumênico.



As propostas feitas, na prática, necessitam da *formação de formadores* para serem postas em pé. Os papéis e os planos de formação ajudam e são necessários, mas a preparação e formação pessoal dos intervenientes no processo de formação, a qualidade da comunidade de vida onde se cresce, a capacidade de acompanhamento pessoal na atenção personalizada e a coordenação da equipe de formadores é que acabam por garantir o progresso e unidade da formação.

Se, pensando em voz alta, esta hora puder ajudar cada um de nós a pensar mais e melhor em voz baixa e a abrir pistas para melhorar a qualidade de vida consagrada, bendito o tempo que aqui passamos. Cada um de nós, pela própria história, educação e experiência, encontra-se hoje com alguma destas áreas mais desenvolvida que outra e vê-se, no aqui e no agora,

interpelado pelo próprio Deus, através dos novos desafios, a desenvolver outros pontos. É sempre altura de dar graças a Deus pelo que se encontra mais maduro e procurar desenvolver o que está mais verde, quanto de nós depende. Vemo-nos *pro-vocados* pelos novos fenômenos que indicam mudanças mais fundas; vemo-nos *convocados* a resolver com outros os novos problemas.

Há linhas quebradas em todas as épocas da História. Uma coisa é certa: a escrita de Deus é sempre direita, certa, fiel, dinâmica, e leva o Mundo, a Igreja, a Vida Religiosa a avançar e não sem agitação, que aliás é própria da vida. Se caminhássemos sem essa agitação, não seríamos terrestres. Felizmente, a ação de Deus não se confina aos muros da Igreja; a Igreja é que é chamada a ser sinal da presença da ação de Deus no mundo e no homem. Não nos espantemos, por isso, de Deus se nos manifestar através de mecanismos bem nossos: sociais, políticos, psicológicos. Deste modo, e descobrindo a ação de Deus aqui e agora, encontramos-lo a Ele, ao homem de hoje, e a nós mesmos.

O Espírito de Deus age de modo personalizado e só tem um campo de atuação. A história da humanidade é a pauta onde o Senhor escreve continuamente a Sua música, com melodias sempre renovadas, de que não conhecemos a evolução e o futuro. Podemos sim discernir onde está o Seu dedo, aprender com o que Ele já fez, sin-

tonizar com a Sua emissão. É preciso conhecê-Lo e viver em comunhão com Ele (para isso está a oração) e tornar-se capaz de O reconhecer no homem e no cosmos, no tempo e na vida, caso contrário queremos procurá-LO onde Ele não está. Nem sempre estará onde esteve, nem da forma como esteve. E nós podemos progredir no Seu conhecimento, através de sucessivas perdas e encontros. Talvez o maior engano seja andar à procura d'Ele longe demais. Se quisermos fixar-nos no conhecimento que tínhamos ou tivemos de Deus, entramos na tentação de julgar que O possuímos, e então é que se nos escapa. Mas ainda bem que Deus não se deixa agarrar; já teria havido quem fizesse monopólio. Ele é que se dá a conhecer. Fê-lo de muitos modos, mas sobretudo no Seu Filho, que continua hoje presente e atuante pelo Seu Espírito. São desafios do homem ao próprio homem, à Igreja, à Sociedade, à Vida Consagrada; são desafios do Deus vivo e atuante numa criação que ainda não acabou, numa salvação que ainda não se completou. Toca-nos, no dizer de Santo Inácio, "buscar e encontrar Deus em todas as coisas".

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1. *O ser humano tem determinadas marcas e sinais que ultrapassam os limites da cultura e das nacionalidades. O autor, embora europeu, apresenta seis desafios para a formação num mundo de modernidade. Na sua formação pessoal quais parecem ter sido os aspectos melhor atendidos, quais os mais prejudicados?*

2. *É comum em certos grupos de religiosos/as um certo desprezo pela elaboração mais intelectual da experiência. Esta acaba valendo simplesmente pelo que é. Seria isto compatível com o desenvolvimento da consciência crítica que o autor propõe?*

3. *Os documentos mais recentes da Igreja têm insistido que a função evangelizadora da vida religiosa passa antes de tudo pelo seu "estilo de vida". Alguns dizem mesmo que a "crise de vocações" existe para aqueles grupos que não conseguem justamente sinalizar isto. Como você percebe em seu grupo concreto um "estilo de vida" que seja sinal e quais os frutos que tem gerado?* □

A Igreja afirma abertamente o direito de todo cristão ao seu próprio patrimônio cultural como algo inerente à sua dignidade de homem e filho de Deus. Nos seus genuínos valores de verdade, de bem e de beleza, este patrimônio deve ser reconhecido e respeitado. *João Paulo II, no Santuário mariano de Izamal, México, no dia 11 de agosto de 1993.*

FORMAÇÃO NA ÁFRICA NEGRA

ENCONTROS E DESENCONTROS.
UM CAMINHO A PERCORRER.

Os ventos da Revolução e da Independência de Moçambique balançaram a Igreja. Houve um tempo de silêncio. Desprovida de bens e de poder renasceu ministerial e dinâmica para encarnar-se no coração do povo que a fez sua.

Pe. Mário de Carli
Erexim, RS

Entre luzes e sombras a Igreja na África procurou abrir caminhos na tentativa de formar seu clero local. Caminho nem sempre claro para determinados membros desta Igreja, que preferiram pedir de fora em vez de prepararem sacerdotes provenientes deste povo. Mas as barreiras entre o medo, a incerteza e sobretudo a falta de confiança na resposta deles, fez com que a Igreja mantivesse sua postura de "defesa", enquanto que havia outros que desejavam abrir caminhos para que surgisse uma Igreja com um rosto moçambicano.

"Nos séculos passados, foi falado, por várias vezes, da necessidade de um seminário para a formação do clero local, mas realizou-se

muito pouco. A partir de 1941, foram fundados vários Seminários Menores: Magude (1941), Unango (1943), Zóbue (1949), Mariri (1957), Marrere-Nampula (1957), Nicoadala (1961), Nova Freixo-Cuamba (1967) e dois Seminários Maiores: Namaacha (1949) e Mariri (1960, transferido para Porto Amélia-Pemba em 1961).

O primeiro sacerdote moçambicano, porém, não veio de um destes seminários, mas foi fruto duma experiência dos Padres Franciscanos, iniciada nos anos trinta na Missão de Amatongas. Alexandre José Maria dos Santos foi ordenado em 1953, tornando-se o primeiro Arcebispo moçambicano em 1975 e é hoje Cardeal-Arcebispo de Maputo. (Junho de 1988).

Quanto às vocações moçambicanas em geral, todos os esforços feitos da parte das Dioceses e das Congregações religiosas, masculinas e femininas, resultaram, até 25/6/75, em 35 sacerdotes, 27 Irmãos religiosos e 205 Irmãs religiosas" (1).

Vemos assim com pesar que o número de padres e irmãs originários da diocese é muito baixo. Será que não foi acertado caminho nenhum? Por que tão poucos? Quais foram os encontros-desencontros neste processo? Esta é a reflexão a partir de minha experiência em Nampula no Seminário Médio entre 1989-91.

Naquela tarde, já faz um bom tempo, D. Manuel Vieira Pinto, Arcebispo de Nampula questionava e indagava os animadores das comunidades sobre este problema que estamos tratando. Corria o ano de 1977. Já se tinha realizado a I Assembléia Nacional de Pastoral na Beira e, um velho ancião, com sua sagacidade e inteligência contou-lhe esta estória:

"Havia um homem que tinha uma enorme machamba (roça) de coqueiros. Todos os dias ia vê-los. Estava contente com sua machamba de coqueiros, pois considerava-os fortes e mais belos do que os outros coqueiros. Tinha por eles uma certa vaidade e orgulho. Pensava que os teria por muito tempo.

Porém, sucedeu que numa dessas noites, começou a soprar um vento forte e impetuoso que destruiu parte da machamba, outra

deixou meia caída e uns poucos pés agüentaram a fúria do vento. No dia seguinte, seus amigos vieram e perguntaram-lhe: "onde estão os coqueiros? Tu não tinhas uma boa machamba de coqueiros?" Mas ele preferiu calar-se e fazer silêncio. Recomeçou novamente com sua machamba com mais humildade". E foi assim que sopravam novos ventos para Moçambique e também em sua Igreja.

1 — O período Pós-Independência e as Nacionalizações

E de fato, o vento impetuoso soprou fortemente contra esta machamba de coqueiros. O que é que produziu então?

Grande parte daqueles jovens que estavam nos Seminários (em Nampula haviam cerca de 120 jovens) deixaram estas casas para ocuparem novos lugares dentro da sociedade moçambicana que estava para nascer.

A grande maioria dos animadores deixaram suas funções de catequistas-professores nas Missões para se dedicarem à educação ou em outros setores da sociedade. Também muitos missionários deixaram Moçambique.

Era o surgimento da Revolução e da Independência Nacional ocorrida em 25/06/75, e o povo moçambicano assumia a história em suas mãos, a busca da liberdade se concretizava, as raízes de uma nova sociedade eram lançadas.

Para a Igreja foi um dos momentos mais importantes, mas muitos não compreenderam e se tivessem tido um pouco mais de calma e paciência não teriam este país. Mas o Espírito soprava e também foi benéfico. Desta forma, todos os bens da Igreja foram nacionalizados: escolas perto das paróquias, hospitais, casas paroquiais, carros, internatos, marcenarias, arte e ofícios, etc... Mas sem dúvida, foi um momento novo para a Igreja, que despojada de seus bens e de suas posses, ganha um novo rosto. É renovada pela força do Espírito Santo.

Houve um tempo de silêncio e de reflexão. Tempo de espera e de expectativa. Os ventos da Revolução balançaram bem a Igreja. Mas o Espírito de Deus a renovou e deu um novo rosto, uma nova figura. Renasceu mais jovem. Desprovida de bens e de poder, fincou pé no barro e se encarnou na alma e no "coração do povo que a fez sua". Ressurge uma Igreja Ministerial, rica de atividades, provada pelos desafios da Revolução, mas cheia de dinamismo e de alegria, empenhada na defesa da vida, da paz e da reconciliação.

Durante este período os homens do governo centralizaram todas as atividades da sociedade moçambicana em suas mãos. Fora deles "nada" se podia fazer. Tudo dependia de seus programas e de sua ideologia. Tudo devia andar sob seus controles e medidas. Procuraram dar uma resposta de "cima para baixo" com esquemas prontos

e acabados mas que com o passar do tempo, houve desilusão.

Estamos em fins de 1983 meados de 84, e os jovens começam a buscar na Igreja respostas para suas questões e angústias uma vez que os ideais da Revolução não respondiam mais às suas expectativas. É o tempo em que também as tensões entre Igreja e Estado diminuem um pouco e o governo sente que não tem mais os jovens em suas mãos. A Igreja pressiona o governo a fim de que conceda o direito de formar seus quadros. E assim sucedeu. Acontecem novas coisas dentro da Igreja.

2 — Surgimento do Seminário Médio Interdiocesano S. Carlos Lwanga

A Bíblia nos afirma no livro do Eclesiastes que há tempo para tudo. O importante é saber esperar o momento certo. Mas há obras que são feitas no silêncio sem fazer barulho. E assim foi decidida a fundação do Seminário Médio Interdiocesano S. Carlos Lwanga pelos bispos do Norte: D. Manuel (diocese de Nampula), D. Januário (diocese de Pemba) e D. Luis (diocese de Lichinga). Foi aberto em 1984 recebendo os primeiros 8 candidatos. O Seminário começou a funcionar praticamente às escondidas do governo atrás das dependências do paço episcopal.

De todo este trabalho feito ao longo destes anos de 1984-91, temos no Seminário Maior Sto. Agostinho 7 alunos de Lichinga, 19 de Pemba e 33 alunos de Nampula e

Nacala; sendo que juntados todos os alunos das outras 7 dioceses somam ao todo 120 candidatos.

3 — A Pastoral Vocacional

3.1 — O Incentivo pelas Vocações

Não tenho aqui presente as palavras dos Bispos Moçambicanos sobre a Pastoral Vocacional. Mas lhes posso assegurar que a ela se dedicaram e se dedicam com todas as forças e de todo o coração.

Para eles, como também para muitos missionários(as), com o surgimento de um clero haverá maiores possibilidades de uma evangelização ser bem mais encarnada na vida deste povo que se empenha na busca da paz e de dias melhores.

Assim, surge uma Pastoral Vocacional que ganha força e corpo em toda a Igreja Moçambicana dentro de uma Pastoral Orgânica, na qual a P.V. ocupa um lugar de destaque animando a vida cristã e a vida das comunidades em todos os sentidos. É um caminho novo que se procura desbravar animado pela fé e esperança em Deus, na comunhão e na participação de todas as forças vivas da Igreja, na qual todos são responsáveis nesta tarefa tão urgente e necessária.

Nela, desde o bispo, passando pelos missionários(as), pelas Equipes Missionárias, pelos leigos, todos eles, têm a tarefa de despertar, animar, acompanhar e ajudar os jovens neste discernimento vocacional. Ninguém trabalha sozi-

nho mas sempre em comunhão, na qual as comunidades cristãs têm a sua parte importante neste processo. A comunidade cristã toma conhecimento dos jovens que desejam seguir este caminho e procuram ajudá-los no que pode. Sentem-se contentes porque vêem que este caminho é possível percorrê-lo.

3.2 — Os Centros Vocacionais

Na Arquidiocese de Nampula todas as Paróquias têm os seus Centros Vocacionais geralmente perto das Escolas Secundárias nos Distritos. Há em todos eles uma equipe de padres, irmãs e leigos que acompanham os jovens. Tem a sua organização interna com os seus temas conforme as classes e anos em que estão frequentando no Centro Vocacional.

Participei do C.V. de Nampula por dois anos, no qual, no ano de 1990 haviam 80 candidatos e em 91 cerca de 95 sendo que 13 eram meninas. Ao longo do ano cerca de 20 decidiram deixar o Centro e 15 entraram nos Seminários e 7 meninas nas Casas de Formação para Irmãs.

Os jovens entram nos C.V. para crescerem no seu aprofundamento e discernimento vocacional, para descobrir qual é a missão e o que Deus espera deles. Eles são acompanhados individualmente e em grupo. Ao longo do ano mantêm conversas, diálogos pessoais com seu animador ou sua animadora a fim de que possa receber esclarecimentos, conselhos e ajuda.

Geralmente quando chegam na 8ª e 9ª classes já fizeram suas escolhas e opções. Evidentemente que insistimos sobre as necessidades da Igreja moçambicana, porém, as portas estão abertas para os Institutos.

A meu ver, os C.V. prepararam bastante bem os candidatos e candidatas. Há um acompanhamento individual e em grupo, bem como o discernimento vocacional bastante bem fundamentado no diálogo, no respeito, na sinceridade, na alegria de sentirmos que há jovens dispostos a abraçar esta dimensão de serviço na Igreja. O discernimento vocacional dá-se dentro de um clima de serenidade, de confiança, de diálogo e quando entram nos Seminários e nas CFI demonstram muita alegria e vontade de acertar na vida. É sem dúvida um trabalho muito bonito mas sobretudo sentir a presença do Espírito de Deus que vai fazendo aquilo que nós não conseguimos.

4 — Devolução do Seminário Nossa Senhora de Fátima

Desde aquele dia em que o governo pura e simplesmente, invadiu esta casa dizendo que a tinham nacionalizado, D. Manuel não estava tranqüilo e satisfeito. Sempre afirmara que foi uma invasão e não nacionalização, muito embora os homens do governo, naquela época, não soubessem distinguir uma coisa da outra.

Mas o bispo insistia que eles estavam morando em casa que não

era deles. Muitas cartas para comprovar que não estavam certos foram enviadas ao Governador de Nampula, muitas conversas que D. Manuel teve com o próprio Presidente Samora (hoje falecido), mas tudo em vão. O Seminário somente foi devolvido no dia 1º de outubro de 1988, basicamente por motivos de ordem político-econômicos vindos de fora, muito embora não seja tirado o mérito da luta do bispo, pois foi uma das primeiras casas a serem devolvidas pelo governo tendo a presença do Sr. Presidente Chissano.

Neste mesmo dia, sob a euforia da devolução, muita gente se tinha reunido e no dia seguinte Pe. Artur iniciava seu trabalho de levantamento dos Projetos de Reconstrução do Seminário que tinha ficado bastante danificado.

A área do Seminário compreende uma extensão de 295 hectares de terra, mas a maior parte do terreno é areia, outra é lagoa e há ainda mais de 6 hectares perto das montanhas improdutivas mas tem pequenas árvores. Havia 12.000 pés de cajueiros, um grande pomar, pocilga e criação de animais de pequeno porte.

Eu cheguei em Nampula no dia 15 de janeiro de 1989 para assumir o trabalho formativo. Encontrei um Seminário bem diferente: a casa estava completamente vazia. Não havia mesas, cadeiras, camas, etc., tudo por reconstruir. Não havia água, nem cozinha, nem motor da luz. O que não faltava era boa vontade e de pôr mãos ao

trabalho. Foi praticamente uma corrida contra o tempo. Como pôr esta casa de tal modo que todos pudessem se sentir bem? Da parte da reconstrução do Seminário tudo foi feito ao longo do ano: os banheiros e a cozinha foram feitos em abril, as mesas e carteiras vinham aos poucos da Missão de Carapira. Foram compradas esteiras e colchões. E um mês passou depressa e os rapazes começavam a chegar.

5 — Abertura do Seminário Médio Interdiocesano “Mater Apostolorum”

5.1 — Ano de 1989: Reconstrução do Seminário

No dia 16 de fevereiro houve a abertura do Seminário com o novo nome de Seminário Médio Interdiocesano “Mater Apostolorum” de Nampula. Houve celebração da Eucaristia animada pelos jovens, presidida por D. Manuel, vários sacerdotes, irmãs, boa participação dos cristãos. Uma celebração festiva e de esperança, com bênção da capela. Entraram 43 jovens para frequentarem o Propedêutico: 23 no 2º ano e 20 no 1º ano (10ª e 11ª classes), assim distribuídos: 3 da diocese de Lichinga, 12 de Pemba e 28 de Nampula.

Assim que a Palavra de Deus fora proclamada, todos sentaram-se. D. Manuel levantou-se para fazer a homilia. Fez-se um grande silêncio, pois a oratória de D. Manuel já é por todos conhecida. Começou a sua homilia saudando a todos, de modo especial aos jovens

que entraram no Seminário e à reitoria. Depois continuou: “É com grande emoção que hoje entramos nesta capela. Todos nós que hoje aqui entramos sentimos uma grande emoção, pois lembramos os tempos difíceis que passamos e os momentos alegres que tivemos na esperança de termos padres diocesanos para esta Igreja. Hoje vamos pedir a bênção de Deus todo-poderoso para que abençoe esta Igreja e tire dela todos os males a fim de que possamos formar padres, verdadeiros sacerdotes para esta Igreja...”

O ano de 89 para nós não foi nada fácil. Abraçamos esta tarefa com alegria e fé. Caracterizou-se por ser um ano de muito trabalho sobretudo na reconstrução do Seminário: procurar material de construção e comida na cidade de Nampula. Ir atrás dos trabalhadores, cuidar da saúde. Dar aulas porque o quadro de professores não estava completo. Tivemos também a ajuda de um Irmão comboniano que muito contribuiu na reconstrução do Seminário. Abrir uma horta, pois não podíamos depender do mercado e termos criação de porcos. Instalar uma motobomba e esta ficou pronta somente em fins de abril. À tarde celebrávamos a Eucaristia, cansados mas não desanimados. Fazíamos vida junto com eles. Partilhávamos da mesma comida que eles comiam. Sentíamos o apoio e a solidariedade dos missionários, dos bispos, das nossas comunidades cristãs com suas ofertas e preces. O Seminário pouco a pouco ganhava um novo rosto. Tornava-se mais belo e era o cen-

tro de atenções de muitos jovens que vinham para conhecer a vida desta casa. Dentro, pouco a pouco, começavam a chegar mesas e cadeiras, bancos para a capela, um jardim surgia, um ambiente de família era formado lentamente. Com os rapazes procurávamos limpar o capim ao redor do Seminário. Com os trabalhadores foi aberta uma machamba para plantar mandioca e amendoim. A vida, era mais fazer, trabalhar, reconstruir do que conviver...

À noite, cansados, geralmente nós nos reuníamos para fazer uma avaliação do dia, programar as atividades do dia seguinte e escrever cartas pedindo ajudas para a reconstrução do Seminário.

No final do ano, apesar de tanta correria, o saldo foi bastante positivo. Dos 23 alunos do 2º ano, um reprovou, outros 2 foram aconselhados a buscar outro caminho na vida e outros dois a fazer um ano de prova, mas esta decisão não foi aceita pelos seus superiores. Os outros 18 alunos seguiram ao Seminário Maior Santo Agostinho no Maputo.

De nossa parte ficaram pendentes as seguintes questões entre tantas:

— um Diretor Espiritual para atender os rapazes;

— como conciliar os trabalhos de construção da casa e acompanhamento com cada aluno;

— um regulamento do Seminário, pois havia apenas algumas linhas;

— formação de um Conselho do Seminário para que nos ajudasse no trabalho formativo.

5.2 — *Ano de 1990: Um ano de questionamentos sobre inculturação*

Depois de um descanso relativo nos meses de dezembro e janeiro, tínhamos algo a mais dentro de casa: a cozinha já estava com fogões novos, nas camaratas haviam chegado as camas, as casas de banho bastante em ordem (foram gastos cerca de 250 sacos de cimento para os esgotos), nas pocilgas já haviam muitos porcos, a machamba de mandioca e amendoim crescia bastante bem.

Ficou acertado também a nomeação do Diretor Espiritual.

Com o pouco de experiência do ano anterior pensávamos que este ano seria bem melhor. O quadro de professores estava já formado. Havia um ambiente que dava sinais de melhoria e o ano havia começado bem. O número de alunos continuou o mesmo.

O ano escolar começou em fevereiro. Tudo corria bastante bem, quando houve uma avaria na instalação da montagem de água no dia 7 de março e no dia 11 roubaram-nos a motobomba. Um belo "presente". Aí estragou tudo outra vez. Dobrou o trabalho e eu apanhei uma das malárias mais fortes de minha vida: 45 dias de "repouso obrigatório". Meu companheiro teve que arcar com tudo. Para que não houvesse novas tenta-

tivas de roubo colocamos uma bomba elétrica.

Mas o ambiente do Seminário pouco a pouco não estava ficando bem. Os alunos de Nampula, vendo que seus colegas de Lichinga e Pemba que tinham sido propostos para um ano de reflexão e repensamento sobre a vocação, os bispos os tinham enviado ao Seminário Maior, ao passo que o de Nampula tinha dado um ano de prova em vez de fazer o mesmo. É lógico que esta decisão dos bispos foi contrária à decisão da reitoria do Seminário colocando-nos em "xeque" diante dos alunos, pois as decisões não tinham sido respeitadas.

A partir daquele momento as coisas complicaram-se. Havia uma certa insatisfação por parte dos alunos. No dia 1º de maio eles se recusaram a tomar a refeição alegando que era do dia anterior. Em diálogo com eles no refeitório, pensávamos que o problema fosse apenas a alimentação que não era muito variada. Mas por detrás disto haviam outros motivos. O relacionamento formadores-formandos não estava legal, porque faltavam elementos essenciais que favorecesse um bom ambiente, tais como o diálogo em profundidade, a autoestima, a confiança. Porém não era tudo isto não. A coisa era muito mais complexa. Mas então de onde vinham tais insatisfações?

No dia 3 de junho houve a consagração episcopal de D. Germano Grachane, escolhido para ser Bispo auxiliar de Nampula.

À tarde deste dia o bispo D. Germano foi homenageado no Seminário Médio. Foi um dia de grande alegria para todos os cristãos. E nesta homenagem muitas comunidades cristãs estavam presentes. Nossos jovens do Seminário também prestaram a D. Germano sua homenagem. Apresentaram uma peça teatral chamada "As Flores". A peça procurava contar a história de um jardineiro que tinha uma plantação de flores. Para cuidar delas enviou 2 empregados. Ele ia todas as semanas ver como estavam indo as flores. Num dia desses enquanto estava o dono do jardim junto com os empregados apareceu um vendedor fazendo-lhe a proposta de enviar flores vindas de fora e que as flores eram ainda mais bonitas que aquelas que ele estava cultivando. O vendedor fazia propaganda dizendo que eram mais fortes, mais bonitas do que estas que estavam à frente dele. E que poderia mandá-las quanto quisesse. E assim foi feito. As flores vieram e o dono do jardim alegrou-se com elas. No dia seguinte retornou o vendedor e falou aos empregados para que arrancassem as raízes das flores locais e deixasse as raízes das flores que vieram de fora. Assim foi feito. O dono chegou, viu aquilo, perguntou aos empregados, mas estes calaram-se. Foi embora. No dia seguinte, retorna o vendedor e manda aos empregados para que deitassem água quente nas flores a fim de queimá-las. Eles fizeram. O dono chegou e ficou preocupado. Perguntou mas não obteve de resposta. Neste mo-

mento todos os artistas entram no palco, dão-se as mãos e rezam pedindo ao Senhor da Messe que envie operários à sua messe.

Esta peça teatral causou tamanho impacto que no dia seguinte do Rovuma ao Maputo muitos tinham tomado conhecimento, pois fora apresentada diante de toda a Igreja com suas "estruturas" máximas. Ela provocou as reações mais fortes e imagináveis. Uns a favor da reitoria e do bispo. Outros a favor dos alunos. O fato é que havia muitas posições desde as medidas mais moderadas até as mais "drásticas". O fato é que "o Seminário ardia em fogo" e quem competia resolvê-lo era nós mesmos, pois as interferências de fora, a favor ou contra em ambas as partes (formadores ou formandos) não eram satisfatórias. Solucionar um problema desse não era nada fácil. De onde é que vinham tais fatos? Quais são as origens de todos esses problemas?

Há uma história muito complexa de encontros-desencontros nestes últimos anos. História marcada por dramas, por complexos, dores e esperanças. Para mim a origem de tais problemas são recentes. Encontramos as raízes destes problemas desde o momento em que setores da Igreja tinham uma visão eurocêntrica e, do que encontravam em Moçambique, nada era bom. Em última instância, o jovem para ser padre deveria pensar a partir de uma ótica eurocêntrica deixando a sua cosmovisão, ensinado a não ser moçambicano, a

deixar de lado os valores e suas raízes culturais. Por isso a desestruturação e a angústia existencial quando retornava para o meio dos seus: não se sentia mais ele.

Estes aspectos acima citados nós os encontramos nas palavras do Arcebispo português de Lourenço Marques (hoje Maputo) dirigidas aos seminaristas em junho de 1961, na qual, ele não se mostrava nada favorável à Independência de Moçambique, mostrando aos jovens que ela é coisa indiferente para o bem dos homens, que não havia condições para tais e mesmo que houvesse a mãe-Pátria tinha o direito de intervir, que todos os movimentos de libertação que utilizam a violência não devem ser seguidos, pois vão contra o Direito Natural e a Independência deve ser obtida por meios pacíficos, não pela Revolução com cunho comunista ("a grande revolução é o Evangelho" — dizia ele), que os povos nativos da África têm a obrigação de agradecer os benefícios que lhes foram dados pelos colonizadores. Enfim, que a palavra de ordem "a África para os africanos" é uma monstruosidade filosófica, um desafio à civilização cristã porque os acontecimentos atuais mostram que o Comunismo e o Islamismo desejam impor a sua cultura aos africanos. E concluía: "Amai a vossa terra que é Moçambique integrado em Portugal, da mesma forma que um habitante do Algarve se interessa à sua província sem esquecer a Pátria comum os atuais movimentos de libertação africanos são contra a Igreja" (2).

A peça "desestruturou" a vida comunitária a tal ponto que havia medo e insegurança. Os alunos — diga-se de passagem que um pequeno grupo conhecia algumas raízes destes problemas — sentiam-se angustiados e com medo, pois não sabiam o que nós poderíamos fazer; de nossa parte, estávamos sem saber qual caminho tomar. Porém, procurávamos olhar diferentemente dos demais...

D. Germano Grachane, a pedido nosso veio conversar com um grupo de 4 alunos. Estes, explicaram-lhe o objetivo da peça e quem representavam os atores. Mas a questão central era esta: queriam demonstrar através de um teatro por que é que temos um clero diocesano, quais eram as causas, os culpados, por que é que no Seminário em vez de termos na formação padres moçambicanos temos dois estrangeiros, os métodos de educação e uma das últimas questões, porque escolheram para ser bispo um do sul e não um entre os macuas ou no mínimo um do norte.

O problema de fundo era este: sentiam-se excluídos. Se formos olhar o passado encontramos várias opiniões sobre a origem da palavra Macua. O vocábulo "Macua" deriva do verbo "Okhuwa", que significa "guardar segredos". Segundo esta interpretação, dada por alguns padres naturais do povo Macua, os primeiros Macuas eram especialistas em guardar segredos, pelo que foi-lhes dado o nome de "M'makhuwa". Com a evolução lingüística, chegou-se ao vocábulo

"Macua". Neste caso, a etimologia do verbo considera os "Macuas" como pessoas sérias, de poucas palavras, prudentes, que não revelam a qualquer indivíduo os seus problemas e mistérios clânicos e, ponderados no seu agir em relação aos outros.

De fato, não podemos negar, mas o povo macua é desprezado política e socialmente em todo o país. Lembro-me que em fins de 91 encontrei-me com alguns jovens estudantes que retornavam de férias e contaram-me algumas coisas do Seminário Maior e entre elas o "desafio" que tiveram com os estudantes do Sul. Houve no Seminário várias provas e competições. O resultado foi um só: todos os primeiros e segundos lugares ficaram com os estudantes do Norte. A partir daquele momento descobriram que tinham valores e talentos e no Seminário foram tidos em consideração, isto é, respeitados.

O teatro deu-nos a chave de leitura para começarmos a sentir o que eles queriam e desejavam. Este momento de incerteza foi rico e proveitoso. Víamos nossas falhas. Alguns deles vinham dizer-nos porque determinadas coisas não estavam bem. Uma coisa é certa: tínhamos por eles muita estima e procurávamos ser mais pacientes e buscar a verdade junto com eles.

Um jovem vendo que eu estava muito atarefado com mil e um trabalhos, aproximou-se, pediu licença e fomos conversando. A certa altura disse-me: "Vejo que o sr.

padre está muito ocupado com os trabalhos. Mas o sr. padre lembra-se do tempo em que esteve em Cuamba." "Sim, lembro-me" — lhe respondi. Ele continuou: "O sr. padre se lembra do tempo que passávamos debaixo das árvores ou no jardim e conversávamos, aprendíamos cantos, ouvia nossas histórias."

A partir deste momento comecei a dedicar meu tempo para ouvi-los, sobretudo aqueles do 2º ano. Tive com eles conversas muito boas e serenas. Aprendi também que se deveria conversar com calma e a conversa era espontânea. As tensões começaram a desaparecer, o diálogo se tornava mais espontâneo, haviam sinais verdes para a confiança e a sinceridade. Depois de um longo período de conversa, no fim sentia-me contente e quando os rapazes entendiam bem o assunto, era gratificante ouvir deles "um muito obrigado pelas suas palavras". E acabávamos num sorriso.

Foi no mês de setembro. Depois do almoço como era habitual ia ver o jogo de futebol, mas como estava com malária, limitei-me a ir descansar. Na hora do trabalho levantei-me e fui ver o que estavam fazendo. Encontrei um grupo que estava capinando. Aproximei-me e por acaso fiquei atrás deles encostado numa árvore à espera que acabassem o pedaço para começar outro. De repente um deles começou a falar: "Não precisamos de capataz nem de cipaio". Eu, como estava doente, calei-me e

mesmo que não estivesse faria o mesmo.

Passados uns 4 dias fui conversar com ele. Procurei ir desarmado e tentar colocar-me no lugar dele. E a conversa saiu naturalmente. O jovem começou a contar-me a história de sua avó que tinha sido batida por um cipaio no tempo colonial. Fui-lhe fazendo muitas perguntas, se aquele branco é o mesmo que hoje aqui está, se tem as mesmas atitudes, os mesmos gestos. Era evidente o seu silêncio em determinados momentos, quase que impossível não sentir o que ele via com sua avó. Expliquei-lhe porque estava encostado naquela árvore. Se eu não trabalhava com eles. Será que todo o branco é mau ou ruim? Se todo o negro é assim também? A conversa foi mais num tom humanizante e de colocar-me como ele: vamos ter que buscar caminhos para superar nossos traumas, nossos preconceitos, nossas angústias. Este é um caminho que devemos percorrer e seria muito prejudicial se falhasse. Entretanto, o rapaz ficou contente e agradeceu.

No dia 9 de setembro chegou o Irmão Daniel Ndihi (queniano). No dia seguinte para nosso "alívio" assumiu os trabalhos da casa. Houve um impulso bastante grande na criação de porcos, fez-se várias reformas dentro de casa, foi construído também um novo poço na lingua para termos água. Enfim, estávamos contentes com ele. Deu também a sua contribuição no campo formativo com suas opiniões e posições frente ao discerni-

mento vocacional de cada aluno. Já não éramos dois mas três. E formamos a "trindade". Foi uma experiência e uma vida fraterna bastante boa e simples. Havia alegria e serenidade. Conversávamos sobre tudo. Havia harmonia e comunhão.

D. Manuel e D. Germano vieram muitas vezes falar aos rapazes enfatizando o diálogo e afirmando a necessidade da comunhão que deve acontecer entre formandos-formadores e bispos. Buscavam-se caminhos tentando acertar e chegar em algum lugar. Mas o problema ficou aberto, nem eles nem nós "tínhamos o coração tranqüilo". Uma coisa era clara: antes de agir e tomar uma decisão deveríamos estar seguros e serenos. Outra, é que queríamos salvar o máximo e não tomarmos decisões bruscas e radicais.

O final do ano foi um tanto enigmático. Não foi nada fácil fazermos um discernimento claro para tomarmos as decisões convenientes, pois ainda as tendências — que vinham fora do Seminário — não estavam claras. Não queríamos passar por ingênuos nem severos demais. Então decidimos assim: quanto aos alunos mais ligados à peça teatral faríamos uma conversa bastante serena e clara com eles, sobretudo com aqueles que iriam ao Seminário Maior. Quanto aos do 1º ano, todos para reingressarem novamente ao Seminário deveriam fazer novamente seu pedido de admissão. Quem recebesse uma resposta positiva poderia retornar.

E assim terminava melancolicamente o ano de 1990 havendo ora aqui, ora ali, uns pequenos momentos de lucidez e serenidade. A análise e revisão deste ano nos levou a tomar uma decisão de vez: elaborar um regulamento para o Seminário. A proposta foi levada adiante e realizada em janeiro de 92. O regulamento foi elaborado com a colaboração dos padres e irmãos que trabalhavam nos Seminários Médio de Moçambique. Continha pontos claros. Foi colocado numa linha positiva não contendo nenhum "não pode" e tornou-se um sinal de esperança.

5.3. — *Ano de 1991:*

Ano de Encontros?

Graças a Deus o ano de 91 correu sereno e tranqüilo. Assim que os alunos chegaram, o Artur reuniu-se com eles debaixo dos cajueiros durante uma semana inteira explicando-lhes como seria o ano e sobretudo o Regulamento do Seminário.

Ficou muito claro o que nós esperávamos deles e eles de nós. De nossa parte estava bem claro isto: acertávamos trabalhar com eles ou deixaríamos o lugar para outros mestres.

De fato, aquela semana foi abençoada pois muita gente rezava para que assim acontecesse. O Artur ficou com eles explicando-lhes o regulamento, ponto por ponto e sobretudo, mostrando-lhes que todos nós devemos olhar a vida do Seminário com um olhar de fé pra

sentirmos o que Deus espera de cada um de nós. Que nosso olhar humano seja iluminado pelas interpelações de Deus. É pena não tê-lo aqui, pois poderíamos nos debruçar sobre ele analisando os elementos que favoreceram o bom andamento do Seminário. Mas esse é um trabalho que mais tarde será feito pelos próprios jovens.

Uma vez que os objetivos e o caminho foram mostrados claramente, a vida do Seminário tornou-se mais fácil, ganhou uma nova dimensão, novos ares, uma nova esperança.

A *Vida Comunitária* — aprofundaram-se os laços de fraternidade, tornando-se mais alegre e descontraída. Todos sentíamos gosto pela vida do seminário, por aquilo que fazíamos, buscávamos. Sentiamo-nos mais presentes e havia um ambiente mais familiar, mais simples, cresceu a auto-estima recíproca e a confiança. Nas poucas avaliações que fizemos sempre apareceram a simplicidade, a espontaneidade e a busca de sinais de vida nova e de esperança.

Os *Estudos* sobressaíram-se com o empenho dos alunos e o nível acadêmico cresceu bastante em relação aos anos anteriores. Os critérios de avaliação e de exames finais foram reformulados e tornaram-se mais exigentes e mesmo assim, a turma respondeu positivamente. Houve apenas uma única reprovação no 1º ano, pois o rapaz havia feito um curso não satisfatório à noite.

Os *Trabalhos Comunitários* de apenas uma hora diária menos "cansativo" mais alegre e empenhativo. No mês de maio chegou o trator doado pela Embaixada Italiana no Maputo. Com a chegada do trator não havia tristeza não. O trabalho misturava-se aos cantos, à festa, ao lazer, ao lúdico. A abertura da machamba triplicou e em dezembro foram semeados cerca de 250 kg de feijão gíngilim, um pouco de amendoim e plantados 2 hectares de mandioca.

A nível de *Fé e Espiritualidade* tivemos momentos tais como: os retiros mensais, as festas litúrgicas — sobretudo o dia 3 de junho festa de S. Carlos Lwanga —, a Semana Vocacional concluída com uma Celebração Eucarística bem participada pelos seminaristas, jovens do Centro Vocacional e as jovens das Casas de Formação. As Celebrações da Eucaristia no Seminário, mesmo sendo diárias, eram bem participadas, animadas com cantos; as Laudes de manhã e Vésperas à tarde eram celebradas solenemente. Foi elaborado um livro de cantos com cânticos trazidos de cada diocese nas várias línguas. Da cidade de Nampula vinham muitas pessoas participarem de nossas celebrações. Ouvir os salmos cantados e cânticos na língua deles era um verdadeiro "delírio espiritual".

Os temas da Formação Humana e Espiritual sempre couberam a nós dois. O Artur ficou com o segundo tema e eu peguei sobre a formação do caráter e o celibato. Aos alunos sempre lhes foi entregue o ma-

terial por escrito. Na apresentação sobre o tema do celibato tínhamos artigos que saíam na revista *Nigri-za*, um sobre o Sínodo Africano — a formação sacerdotal — a opinião e experiência do Diretor Espiritual do Seminário de Kinshasa Pe. Zaszawandi Athanase. Tínhamos também começado a mostrar-lhes a necessidade do padre diocesano viver em comunidades ou em “fraternidades sacerdotais”. Neste último caso, são os primeiros passos...

Pessoalmente notei que os momentos de formação humana e espiritual eram os mais esperados por eles. Eram também muito humanizantes, onde havia abertura, diálogo, simplicidade, sinceridade, desaparecendo muitas barreiras. Foi uma caminhada de crescimento e conhecimento mútuo, na qual, formandos e formadores sabiam ocupar seus lugares. Eu creio, não só a mim, que ofereceram momentos de graça de Deus é de presença de Deus nas coisas mais simples e aparentemente insignificantes, cheias de testemunho e de busca de coerência de vida. Enfim, eles sentiam que eram amados e estimados... e isto era tudo, porque o nosso olhar também mudou. O acompanhamento individual era momento de incentivo, de ajuda, aconselhamento e animação na busca deste ideal.

A presença de D. Manuel foi muito importante durante todos estes três anos. Sempre vinha aos sábados à tarde, celebrava a Eucaristia e trazia sua palavra de esperança, comunicava as alegrias e

tristezas do povo, demonstrava seu amor pelos jovens vendo neles a concretização de um clero local para esta Igreja e este povo moçambicano. Os bispos de Lichinga e Pemba, bem como os co-reitores vinham ao Seminário duas ou três vezes ao ano para conversarem com os alunos de suas dioceses e tomar parte nas atividades do Seminário. As comunidades cristãs, sobretudo as de Nampula, tiveram uma boa presença no seminário seja com visitas, orações e com ajudas materiais, suas orações estando assim envolvidas no seminário e tinham uma comunhão conosco através de um jornal feito pelos alunos.

A partir da experiência destes 3 anos gostaria de apresentar alguns critérios para a formação. Sei que não são os únicos, mas é um caminho a percorrer no risco e na esperança:

1º) Esta é uma das tarefas mais exigentes e mais difíceis. Realiza-a quem se sente chamado para ela e por Deus. Não se escolhe. Vai-se por amor. Isto é também mistério e graça de Deus que atua em meio às fraquezas humanas.

2º) É muito importante que se crie e se mantenha constantemente o espaço da comunhão e da participação de todas as forças vivas da Igreja neste processo formativo, cabendo evidentemente a última palavra a quem de direito deve fazê-lo.

3º) Quem realiza esta tarefa deverá cada dia despojar-se de muitas coisas para estar mais aberto à

voz de Deus e suas interpelações, pois cada dia, os jovens tendem a crescer, a fim de que possa discernir entre sinais de vocação, crescimento humano e "rótulos" ou "rotulação".

4º) Que o formador tenha bem presente que o que tem de melhor é o seu próprio testemunho de vida. Que em todos os momentos manifeste amor e ternura pelos jovens. Na formação o que fala mais alto é o amor que se manifesta na acolhida, no sorriso, na sinceridade de coração, no diálogo, na ajuda.

5º) Que os formadores não tenham outras atividades fora do seu campo específico; se as tiverem que sejam para o crescimento dos jovens seminaristas.

6º) Que no acompanhamento individual e comunitário sejam pacientes, firmes, cheios de ternura, ocupando seus lugares, sabendo esperar "a hora da graça de Deus" e o momento oportuno do jovem abrir seu coração e decidir sobre sua vida.

7º) Que o formador seja um homem de oração, um homem entre os homens, um homem de Deus e que na oração sinta o amor que Deus tem por ele no caminho de conversão pessoal para melhor trabalhar na formação de sacerdotes, acreditando que a ação do Espírito de Deus é muito grande.

8º) Que procure rever suas atitudes a fim de humanizá-las, harmonizá-las dentro de si, saber trabalhar seus conflitos internos e co-

municar serenidade, paz e grande alegria de estar na formação. Isto dá muita segurança aos jovens. Que ele sinta que não é nem pretende ser modelo de ninguém, mas que os jovens devem seguir a Jesus Cristo que foi casto, pobre e obediente; mas que sinta que deve ser estímulo para que os jovens também abracem este caminho.

Conclusão

E assim chegamos ao fim deste trabalho com muito mais desafios do que com conclusões evidentes, pois como nos afirmam os provérbios "Osuwela khonamala mw'elaponi'mu" (A sabedoria não acaba no mundo) e "Okhala onimukhalisherana" (Viver é ajudarmo-nos a viver mutuamente), de tal modo que o leitor e a leitora têm espaço para tirar suas conclusões.

Quanto a mim vejo que há ainda muitos desafios, pois o processo formativo deve necessariamente seguir o seu caminho e superar as barreiras evitando sempre de não repetir os esquemas do passado.

Deste modo para mim ficam abertas algumas questões:

★ A questão do regulamento — um aspecto eu acho que é evidente: o olhar dos rapazes não me enganava, eles estavam contentes. Entretanto, isto fica para ser revisito, avaliado para ver onde houve os encontros e desencontros com os valores da cultura bantu-macua.

★ Como preparar os futuros sacerdotes para esta Igreja local na

qual a identidade pessoal e o universo simbólico do homem macua está praticamente fragmentado devido aos processos bruscos das mudanças no ante e pós-independência e sobretudo nestas duas últimas décadas com a acentuação da guerra interna e a quebra dos valores tradicionais éticos, morais e espirituais?

★ Como dar uma formação que seja integrada cada vez mais com a vida e a cultura dessa gente e desses jovens em todo esse processo histórico cheio de incertezas e angústias somado com todos os problemas da nação moçambicana?

★ Um novo aspecto que procuramos mostrar aos jovens é a necessidade dos padres diocesanos viverem em comunidades, ou seja, formando "fraternidades sacerdotais". Não será esta também um desafio e caminho que se possa reabrir?

★ Há ainda um desafio na formação do sacerdote diocesano: como recuperar os valores da cultura tradicional, recolocando os mitos, a religião tradicional, as funções do chefe tradicional (...?...), do sacerdote, dos instrutores e instrutoras dos ritos de iniciação, a educação sexual, a família dentro deste "universo simbólico" com a Mensagem de Jesus Cristo? Como a partir daí, não depender somente de uma teologia vinda de fora, mas a partir deste mundo e da concepção da vida elaborar uma teologia africana que tenha o seu corpo teológico porque aí dentro

de toda esta história há certamente a História da Salvação de Deus?

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1. *No relato apaixonado e sincero do autor sobre sua experiência de formação na África negra, fala de sua postura de "defesa" por parte da Igreja que levou a pedir de fora em vez de preparar sacerdotes, religiosos e religiosas, no meio do próprio povo. Será que isto não teria validade também para nós no Brasil, particularmente em certas áreas do país e em determinadas congregações e ordens?*

2. *A parte central do artigo é o relato da apresentação de uma peça teatral em 1990 (no texto você encontra em 5.2). O que você percebe nela como questionamento tendo em vista a inculturação? Daria razão aos estudantes que a prepararam se fosse o/a formador/a?*

3. *Ao final do relato, o autor apresenta uma série de características próprias da formação, surgidas no transcorrer de sua experiência africana. Observando a formação em sua congregação, são elas constatáveis?*

NOTAS

(1) MABUIANQUE, Joaquim. "A Igreja Católica no Passado (1498-1975)". in.: Moçambique Ontem e Hoje. Maputo, 1988, p. 32. (2) LUZIA, José. "A Igreja das Palhotas: Gênese da Igreja em Moçambique entre o Colonialismo e à Independência". in.: Cadernos de Estudos Africanos. Edição do Centro de Reflexão Cristã. Nº 4/1989, p. 36-37, Lisboa. □

VOCACIONADO NEGRO. IDENTIDADE E DESAFIOS

Evangelizar através da solidariedade étnica, numa América Latina notadamente marcada pela pluricultura, é condição indispensável para a Vida Religiosa e Diocesana. Caminhada de luta de longo caminho a percorrer.

Joselito Alves da Paixão, SVD
São Paulo, SP

Com base nas estatísticas e nas nossas experiências, de fato, nestes últimos anos tem crescido a presença dos Vocacionados(as) negros(as) na Vida Religiosa e no Clero Diocesano. Tal crescimento pode ser atribuído aos seguintes fatos:

— Em primeiro lugar, o povo negro é por natureza um povo religioso, incapaz de toda forma de ateísmo.

— Em segundo lugar, trata-se do empenho e da conquista eclesial dos agentes de pastoral negros (APNs), bem como religiosos(as), seminaristas, Padres e Bispos negros.

— Por fim, a abertura de setores da Igreja do Brasil, no reconhecimento da capacidade da juventude negra de responder ao chamado vocacional.

Este aumento das vocações negras, deve ser considerado como um fato significativo, visto que os dados oficiais colocam a população negra ou de origem negra como a maioria no país.

Além do surgimento de vocacionados(as) negros(as), também tem havido ultimamente ordenações presbiterais de muitos candidatos negros, e também celebrações onde jovens negras se consagram à vida religiosa. Isto é compatível com o desejo e a evolução do pensamento de João Paulo II: "Peço a Deus que nas Comunidades cristãs surjam também numerosas vocações sacerdotais e religiosas, para que os afro-americanos do Continente possam contar com ministros provenientes das vossas próprias famílias" (Cf. SD, Mensagem aos Afro-americanos, 5).

Aqui ressaltamos várias congregações, ordens, institutos e dioceses que têm dado passos importantes, a ponto de realizar em seus espaços o despertar sobre o tema 'negritude'. Da mesma forma nota-se o incentivo também de algumas regionais da CRB para com o mesmo tema.

1. A cega oposição

Por outro lado, e infelizmente, mesmo entre aqueles dos quais se espera um maior apoio, há tantos que ainda se opõem, se inquietam e condenam a organização dos negros na Igreja, acusando-os de separatistas e demagogos.

Este posicionamento cresce em função da tomada de consciência dos negros hoje nas paróquias, dioceses e nas casas de formação, bem como em toda a sociedade.

Conflitos e rejeições são gerados em consequência dessa consciência étnica, social e eclesial do SER NEGRO. Nota-se também que certas Congregações, Ordens e Dioceses têm ainda certa reserva em aceitar candidatas(os) negras(os) à vida religiosa ou diocesana. E quando aceitam contribuem grandemente para o processo de 'embranquecimento', tanto que o religioso(a) ou seminarista "bom" é aquele que nega a sua própria negritude.

2. A formação

'Tornar-se NEGRO', na maioria dos casos, tem sido considerado um ato de rebeldia, motivo sufici-

ente para a dispensa do vocacionado(a), com a alegação de não possuir as qualidades necessárias para a Vida Religiosa ou Diocesana. Outras vezes se sustenta a falta de vocação da formanda(o) negra(o) ao afirmar-se como negra. Com a mesma intensidade o mesmo ocorre nas diversas etapas da formação.

Por ocasião do "Sétimo Encontro Nacional de Formandos Religiosos, Religiosas e Seminaristas Negros", realizado em Brumadinho (MG, em julho deste ano (1993), constatávamos, naquela oportunidade, a existência, tanto nas dioceses como nos institutos religiosos, de uma formação com mentalidade preponderantemente européia e branca, que é causa de uma despersonalização cultural do formando e da formanda negros.

Concluimos que poucos são os formadores e formadoras que estão em grau de dar uma formação que integrem todos os valores das diversas culturas. Tendo em vista uma tal formação faz-se necessário 'rever a orientação da formação', conforme recomenda o documento de Santo Domingo (n. 84).

No mesmo encontro foi apresentado e discutido um documento contendo as proposições dos encontros anteriores, sobre a formação religiosa e diocesana dos afro-brasileiros.

3. Com os olhos na história

Passaram-se os 500 anos e esta história não deveria repetir-se nun-

ca mais. Todo vocacionado(a) negro(a) deve ser um profundo conhecedor do que foram e do que representaram os 500 anos de paixão e morte. Portanto, são chamados a vários desafios:

— Promover uma formação não autoritária, conservadora e unilateral, mas participada, e a partir de uma consciência crítica e libertadora, capaz de valorizar o SER NEGRO.

— Buscar uma formação inculturada, conforme a diversidade étnica da comunidade religiosa e seminário.

— Ter consciência de que ninguém forma ninguém, mas que a formação acontece também a partir da nossa participação na elaboração do projeto formativo.

— Refletir e ser solidário à dura realidade do povo negro no qual estão nossas raízes.

— Optar pela pastoral nas periferias, terceiro mundo das grandes cidades, onde se encontra o povo negro em condição desumana. Isto requer um melhor conhecimento do lugar social em que nós estamos e aquele no qual deveríamos estar.

— Cultivar também as vocações negras para enegrecer as nossas comunidades e seminários.

— Ter a consciência não apenas do negro religioso, mas do religioso negro.

— Ter presente uma teologia negra que favoreça a nossa experi-

ência junto à comunidade afro-americana.

— Lutar pela revalorização da cultura negra.

— Combater toda forma de racismo que impregna a Vida Religiosa e Diocesana, como toda a sociedade.

— Inserir-se no quadro sócio-político-econômico do País, numa atitude crítica e organizadora, consciente da sua repercussão sobre os negros.

A experiência concreta de solidariedade junto ao povo negro deve proporcionar ao vocacionado(a) negro(a) a imersão nas fontes de suas raízes étnicas. A consciência das próprias raízes é a razão fundamental para o reencontro com a própria espiritualidade; falo de uma espiritualidade negra, capaz de integrar todos os valores culturais.

Para os negros hoje na Igreja, a Nova Evangelização significa ter na mente e no coração um Verdadeiro Empenho com um Renovo Ardor Missionário pelo Povo Negro, Indígena e Pobres, vítimas da discriminação e da violência histórica.

Não resta dúvida de que a nossa opção preferencial é uma questão de coerência imprescindível. O povo negro e indígena, por fatores históricos, vivem hoje uma pobreza em escala sempre maior, conforme afirmou Puebla: "Feições de indígenas e, com freqüência, também de afro-americanos, que vivendo

segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres" (DP, 34).

Conclusão

Em vista de maior número de vocações oriundas do povo negro e indígena, é urgente uma Pastoral Vocacional não discriminatória, mas inculturada, com atenção a todas as culturas (SD, 80). O Vocacionado e a vocacionada negros devem empenhar-se no cultivo das vocações, pois embora muitos são ainda poucos.

Evangelizar através da solidariedade étnica, numa América Latina notadamente marcada pela presença da pluricultura, é condição indispensável para a Vida Religiosa e Diocesana, como presença evangelizadora junto às etnias latino-americanas.

Contudo, para nós é necessário que tenhamos uma firme convicção de que esta é uma caminhada de luta como Igreja, mas que representa ainda uma gota d'água, visto que ainda temos um longo caminho a percorrer. É de modo especial, os vocacionados(as) negros(as) são chamados a reassumir e unir forças frente aos desa-

fios presentes na nossa formação, na Igreja, na pastoral e em todo quadro reinante do país. MODJUMBÁ AXÉ: (Deus que é minha força te abençoe).

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1. *A vida religiosa no Brasil ainda é um estilo de resposta cristã predominantemente branca. O Papa João Paulo II pedia que "nas comunidades cristãs surjam também numerosas vocações sacerdotais e religiosas, para que os afro-americanos do Continente possam contar com ministros provenientes das vossas próprias famílias". Você percebe este pedido acolhido pela Pastoral Vocacional de sua congregação?*

2. *A formação na vida religiosa é, quase sem exceções, européia e branca, causando uma despersonalização cultural do formando e da formanda negros, diz o autor. Você estaria de acordo com essa afirmação? Como ficaria o "direito" de os brancos terem também uma formação que atenda suas raízes?*

3. *Que passos poderiam ser dados na formação tal como existe atualmente que respeitasse a multiplicidade étnica e cultural dos nossos grupos de formandos?* □

A Igreja contempla os vossos autênticos valores com amor e esperança e exorta os povos autóctones na América a conservarem com justo orgulho a cultura dos seus antepassados. João Paulo II, no Santuário mariano de Izamal, México, no dia 11 de agosto de 1993.

VIDA RELIGIOSA E A NOVA FACE DOS POBRES

*Vida Religiosa diante de novas
formas de Pobreza e exclusão social.
Primeira redação.*

P. Márcio Fabri dos Anjos cssr
São Paulo, SP

O estudo deste tema começa com a verificação de que a pobreza não apenas tem crescido em quantidade, mas vem tomando novas formas. Sinteticamente se diz que o rosto dos pobres vai deixando os traços de gente *explorada* e vai sendo marcado com estigmas de gente *excluída*. Diante dessa mudança se colocam perguntas para uma Vida Religiosa que tem se preocupado com a opção preferencial pelos pobres. Como testemunhar aos "excluídos" que Deus é Amor; e que portanto há razões de sobra para levantar a cabeça e inquietar a esperança?

Ao tentar responder a isso, muitos religiosos/as terão presente sua atuação concreta e diária, especialmente quando se desenvolve uma ação pastoral junto aos pobres. Mas a questão pode ser mais ampla. Uma vez que o assunto diz respeito à globalidade de um sistema social, é possível conduzir também a reflexão

para algo mais abrangente quanto à Vida Religiosa. Parece portanto importante ter presente, desde já, essa dupla dimensão de preocupações: uma de cunho mais imediato e prático a curto prazo que atinge de perto nossa vida repartida com os pobres; e outra de cunho mais amplo e de mais longo prazo que pergunta sobre o lugar e missão da Vida Religiosa em meio a um macrosistema social em mudança.

Como procedimento metodológico temos um primeiro desafio em questão que é naturalmente entender o que está subjacente à passagem da *exploração* para a *exclusão* social. Aqui está um campo denso, como densa é a vida social. Um campo também em vigorosa evolução e cuja análise é ainda cautelosa, por não conseguir considerar todas as variáveis em jogo. Por outro lado, não é possível esperar que tudo aconteça para que comecemos a agir. O que

nos cabe é portanto recolher algumas indicações que nos parecem mais importantes, e a partir daí começar a repensar a Vida Religiosa nesse novo quadro social.

I. DA INDEPENDÊNCIA À EXCLUSÃO

Ao perguntar sobre as novas formas de pobreza hoje, nos deparamos necessariamente com uma profunda mudança de trajetória nos rumos da ordem econômica internacional. Trata-se de um assunto suficientemente conhecido. Mas parece importante recolher aqui alguns de seus traços básicos para, em seguida compreendermos melhor os desafios de uma opção da Vida Religiosa pelos pobres nessa nova ordem.

1. Dependência e exploração crescentes

Quando se fala em novo rosto dos pobres podemos entender primeiro uma mudança por assim dizer quantitativa no quadro social: os pobres se tornaram ultimamente ainda mais pobres. Os indicadores sociais mostram, em números, o aumento da distância entre ricos e pobres (1); o aumento do próprio contingente de pobres; e o aumento da própria carência dos pobres (2). A carência dos pobres, mais enfatizada muitas vezes ao nível econômico, se verifica obviamente também em tantos outros níveis de necessidades básicas como educação, saúde, moradia e na participação da vida política e cultural da sociedade (3).

As razões da pobreza no mundo foram, em um momento da reflexão,

atribuídas a uma simples questão de subdesenvolvimento dos países pobres que constituíam os chamados "terceiros" mundos. Como se sabe, esta interpretação foi superada, dando lugar à chamada teoria da dependência. Através desta teoria se coloca às claras que a pobreza é antes de tudo resultado de um sistema social de exploração. Através de duas formas básicas, a forma *autoritária* e a forma *mercantil* (4), o fruto do trabalho de muitos (chamado tecnicamente de "excedente" ou "plus-valia") é apropriado (entenda-se explorado) por outros. Chegamos assim à expressão do Papa que resume com indignação a dinâmica deste sistema acusando que há "ricos cada vez mais ricos às custas de pobres cada vez mais pobres" (5).

É importante notar que os mecanismos da "apropriação do excedente" não se reduzem a formas truculentas, chamadas *autoritárias*, mas consistem também em formas *mercantis*. Estas são muito mais sutis e ganham legalidade como se fosse um inocente sistema de mercado, que não poderia ser mudado sem ferir a honestidade e a própria moral. Esta "nova ordem econômica internacional" vê articuladas suas bases em 1944, pouco antes de terminar a II Guerra Mundial, em uma reunião de representantes das forças econômicas ocidentais (em Bretton Woods, nos Estados Unidos). Como condições de construir a paz mundial, decidiram, entre outras, "criar um grande mercado internacional no qual pudesse existir o comércio livre, sem barreiras protecionistas que fossem obstáculo a seu desenvolvimento" (6).

Não é aqui o lugar para se descrever mais uma vez toda a trajetória que tomou a economia mundial a partir daí (7). Mas é importante notar que desde aí a economia começa a ser tramada mais nas relações internacionais que nas nacionais; começa a se mundializar a economia. Para monitorar esta nova ordem econômica, criam-se, desde então, duas instituições até hoje conhecidas e atuantes: o "Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento" (BIRD) e o "Fundo Monetário Internacional" (FMI). Hoje são mais de 120 os países que se ligam a estas instituições. Com a mundialização da economia, o capital e as empresas de produção se tornam transnacionais.

Neste contexto se abre o capítulo da "dívida externa" que tem afogado a maioria dos países do terceiro mundo. Tomar dinheiro internacional emprestado tornou-se uma necessidade. Mas os países pobres se atolaram nas dívidas principalmente pela elevação da inflação mundial na década de 70 e pela súbita elevação do preço do petróleo em 1973. Assim, as dívidas externas da América Latina e Caribe que eram de U\$ 42,3 bilhões de dólares em 1973, passaram para U\$ 422,6 bilhões de dólares em 1990 (8). Arcando com o peso de uma dívida crescente e impagável, os países endividados amargam a dependência econômica com todas as suas conseqüências. A década de 1980 foi chamada de "década perdida" para a América Latina: para cada dólar recebido como empréstimo, a América Latina devolveu nessa década em torno de seis dólares (9).

2. Prescindência e exclusão

A dependência dos países do terceiro mundo dentro da economia mundial começa a tomar hoje uma nova figura que permite falar de "novas formas de pobreza". Como já mencionamos anteriormente, esta "novidade" está sendo resumida em poucas palavras ao se dizer que os pobres já não são mais explorados porque já não se precisa mais deles, nem do seu trabalho, nem do seu consumo. Assim os pobres de hoje seriam totalmente "descartáveis", e por isso mesmo *excluídos* sistematicamente da participação social. Para explicar esta nova forma de pobreza, já não seria suficiente a teoria da dependência mas seria necessário recorrer à teoria da *prescindência* (termo derivado do verbo *prescindir*).

Antes de seguir adiante nesta linha é preciso observar que este conceito de exclusão é ferramenta para se entender um movimento de mudança que se inicia. Há quem veja os pobres como entulho e até impedimento para o desenvolvimento e bem estar. Eles seriam os "novos bárbaros" contra os quais o império deve se defender; e contra os quais seria conveniente fazer valer as leis malthusianas, pois "só a doença e a fome são capazes de controlar esta maluca situação demográfica do sul" (10). Mas não se pode dizer que seja tão rápido e fácil assim prescindir da vida dos pobres. Trata-se de mudanças sistêmicas e estas são transformações de longo prazo (11). Assim, atualmente, seja no campo econômico como no político, a exclusão tem níveis e, embora progressiva e

nem por isso menos cruel, comporta um mais e um menos.

Para nós neste momento interessa particularmente recolher alguns traços principais dessa dinâmica de exclusão que é sem dúvida complexa para ser compreendida definitivamente e muito menos para caber nestas linhas. Mas vamos ao menos recolher alguns de seus traços em vista de reexaminarmos o desafio da Vida Religiosa em sua opção pelos pobres como excluídos. Ressaltamos principalmente três aspectos:

a) A exclusão dos pobres se dá de modo geral como resultado da alta *competitividade* que se estabelece nas relações sociais de poder, sustentada pelas ideologias neo-liberais. "Esta feroz competição, agressiva, é justificada pela ideologia dominante por todo o tipo de exclusões: o racismo, o sexismo, as violações dos direitos humanos, o etnocentrismo não são marcas exclusivas do capitalismo" (12). Isto nos faz perceber a exclusão para além do mundo econômico, embora sempre conexo com este.

b) No mundo econômico, a exclusão começa primeiro por um paradoxo de sistema: precisar dos pobres (= explorar) para constituir a riqueza, e em seguida excluir os pobres da riqueza e dos benefícios que se constituem. Assim a "mundialização" da economia é, e ao mesmo tempo, não é para todos. Há um combinado de exclusão com exploração (13). O acúmulo da riqueza confere o poder de excluir conforme a dosagem dos interesses. Isto se dá em um sistema econômico articulado, em que a competitividade devora os

mais fracos. Aos pobres resta como escape uma economia informal sempre muito frágil e exposta a se enveredar por caminhos perversos, como no caso do narcotráfico.

c) O acúmulo da riqueza permite hoje a consolidação de outro polo de poder: o *poder tecnológico*. Dando seqüência às revoluções industriais que começam no século 18, a tecnologia moderna se sofisticou hoje através da microeletrônica e da informática, e muda drasticamente os conceitos de produção. Especialmente no que diz respeito ao sujeito humano trabalhador, sua mão de obra é, em grande parte, dispensada com ganhos de qualidade e produtividade. Este mesmo poder tecnológico tem hoje um crescente campo de aplicação no mundo biológico vegetal, animal e humano (14). Aos níveis vegetal e animal, permite a manipulação genética em vista da seleção de plantas e de sementes, de seleção de raças e de efeitos somáticos, com extraordinários resultados na agropecuária. Ao nível humano, além das já conhecidas aplicações no campo da fertilidade, amplia-se cada vez mais a capacidade de intervenções através do estudo dos genomas humanos. Dois resultados principais são dignos de nota nesse campo: a possibilidade de curar doenças por um lado, e por outro, através de uma cartografia do DNA, ficar conhecendo as tendências e deficiências de saúde de um indivíduo.

Não é preciso dizer que o avanço tecnológico depende de um forte investimento em pesquisas. E portanto só é possível aos grupos ricos. Como também não é preciso mostrar

que quem possui tecnologia avança-se torna cada vez mais "competitivo" em poder e riqueza. E portanto, quem não tiver tecnologia está descartado da competição. Por isso hoje se busca proteger os ganhos tecnológicos como a mais preciosa propriedade. A *Encíclica Centesimus Annus* aponta com clareza o poder tecnológico como uma "nova forma de propriedade" ao dizer que "existe, em particular no nosso tempo, uma outra forma de propriedade, que reveste uma importância nada inferior à da terra: é a *propriedade do conhecimento, da técnica e do saber*" (CA. 32).

Compreende-se então como o caminho da pobreza é para o fundo de uma maior pobreza. Pois as regras do jogo são de excluir cada vez mais quem não reúne as condições para entrar na competição. E uma das condições para entrar é não ser pobre.

II. SOBRE O ROSTO E O CORAÇÃO DOS POBRES COMO EXCLUÍDOS

Quando consideramos a pobreza como exclusão a nível de macro-sistema, nem sempre conseguimos ressaltar de maneira suficiente o significado da exclusão ao nível da subjetividade. Corremos, inclusive, o risco de pensar os excluídos como objeto de uma opção e de uma ação pastoral. Entretanto, o nível dos sujeitos, além de exigir o respeito da consideração cristã, é o que mostra o alcance da exclusão sistemática e o que primeiro aparece quando nos relacionamos. Por isso, é importante perguntar sobre os rostos concretos

dos excluídos e como se situam eles como sujeitos de sua história. Aqui não podemos fazer mais do que recolher sinteticamente algumas observações que nos parecem indispensáveis.

1. A exclusão envolve os pobres com uma variedade de formas, mas as mais importantes dizem respeito às necessidades básicas para se viver. Estas podem ser pensadas a partir das realidades mesmas que preenchem tais necessidades, como p. ex. a alimentação, moradia, condições de salubridade, escola, emprego-trabalho com ganhos justos, dignidade de cidadania, participação nas relações sociais. Os rostos concretos que mostram a exclusão a partir das necessidades básicas, já os conhecemos desde Puebla (n. 30), e embora não explicitamente descritos todos, são supostos em Sto. Domingo.

2. Os excluídos experimentam uma situação de grande ambigüidade ético-existencial exatamente por serem excluídos. Não podem se manifestar com liberdade porque são oprimidos; daí o caminho que lhes resta é o da ambivalência (15). Isto afirma a necessidade de sabermos compreender a *linguagem das vítimas*, para podermos, por um lado, escaparmos a uma introjeção barata de significados no mundo dos pobres; e por outro lado, para captarmos o alcance do clamor com que interpelam a caridade cristã.

3. Assim, nem se pode esperar que os pobres sejam "santos", como não cabe um ufanismo apressado quanto a uma suposta recusa total por parte deles diante do sistema que os exclui. Com freqüência eles pró-

prios reproduzem mecanismos excludentes do sistema.

4. Os poderes do sistema excludente sabem muito bem jogar com a ambigüidade e ambivalência dos excluídos e faz deles uma massa de manobra na medida em que interessa. Isto transparece bem no como se trata e se manipula a opinião pública através dos grandes meios de comunicação; aparece também na chance que tem a demagogia política em nosso meio, não obstante a repulsa generalizada por esse tipo de político em nível teórico.

5. O principal lugar da resistência dos excluídos, ao nível de sociedade, são os movimentos populares. E ao nível de Igreja, são as *comunidades eclesiais de base*. Ali estão os lugares privilegiados em que os excluídos podem tomar e desenvolver uma consciência crítica e transformadora de sua situação e começar a postular como sujeitos, alguma alternativa para sua história.

III. A VIDA RELIGIOSA DIANTE DA EXCLUSÃO

Podemos agora considerar os principais desafios e interrogações que estas novas formas de pobreza como exclusão colocam para a Vida Religiosa, especialmente no Brasil. Não podemos, a esse ponto, assumir uma reflexão que desconheça o que já se vem dizendo em torno de uma opção pelos pobres enquanto oprimidos e explorados. De fato, a exclusão, como vimos, não aparece tão isolada e independente do movimento de exploração que a precede; como também, porque os mecanismos da resistência à exclusão são de mo-

do geral os mesmos que podem funcionar quanto à exclusão. Mas vejamos de preferência o que pode trazer alguma conotação de novo.

1. A exclusão como fruto de um macro-sistema interpela a Vida Religiosa em primeiro lugar enquanto esta se situa dentro do próprio sistema. A condição inevitável de "estar no mundo" exige uma atenção especial para não se participar do pecado em que o mundo se estrutura (16). Mas aí está um desafio enorme, pois a Vida Religiosa, sem esforço e vigilância, não escapa com facilidade à ambigüidade de repetir o que se passa ao nível das estruturas sociais excludentes. A Conferência de Medellín já lançou há muitos anos o grande alerta neste sentido. Esse desafio é hoje tanto maior para as comunidades de Vida Religiosa que desenvolvem empreendimentos que dependem de capital e dos modos de produção modernos. Como sobreviver dentro do sistema competitivo, sem participar da mesma lógica empresarial?

2. As ambigüidades e dificuldades de uma organização de Vida Religiosa "sistêmica" postulam quase que automaticamente a pergunta por modalidades "assistêmicas" de Vida Religiosa que nos deram os *mendicantes* medievais. E então, perguntamos não apenas o que os religiosos/as podem fazer pelos excluídos, mas nos devemos interrogar sobre um modo de a própria Vida Religiosa se reinventar na exclusão e entre os excluídos. Mesmo sem a oficialização institucional, que freqüentemente supõe exigências tiradas do mundo sistêmico (como alguma ilustração, propriedades e "meios"), podemos ver

alguns ensaios desta experiência na organização espiritual de *catadores de papel* nas grandes cidades e mendigos. Talvez haja aí alguma luz que provoque a criatividade de carismas audazes e novos.

3. Por outro lado, é preciso também ter bem claro que a exclusão e pobreza não são situações desejáveis, mas ao contrário, reveladoras do pecado e do anti-Reino. Isto sugere que um dos grandes desafios da Vida Religiosa diante da exclusão é o desafio de transformação social, pela qual também a Vida Religiosa é chamada a atuar. São muitos os elementos que servem para isso. Mas entre todos, parece que a Vida Religiosa tem uma tarefa fundamental de ser na sociedade constante fermento de uma *mentalidade participativa*, contradizendo a mentalidade competitiva e excludente.

4. O desempenho da Vida Religiosa como fermento de participação passa sem dúvida pelo testemunho de solidariedade dos religiosos/as com os pobres e excluídos. A solidariedade pode se verificar de muitas formas. Mas ela se torna mais visível principalmente quando se pode perceber são uma força colocada a serviço da defesa dos direitos humanos dos pobres e de sua dignidade. Neste sentido, a *inserção* da Vida Religiosa nos meios populares permite maior proximidade com as dores e violações da vida e consequentemente deixa mais chances de se mostrar esse testemunho. Mas seria, em qualquer hipótese, indispensável que todos percebessem com muita clareza que a Vida Religiosa, isto é, tal congregação/Comunidade é in-

condicionalmente simpática à causa dos excluídos; que os apóia e se solidariza com quem está na transformação com eles e por eles.

5. Parece importante ressaltar a necessidade de a Vida Religiosa cultivar e desenvolver uma consciência crítica e sapiencial. "Crítica", para ser capaz de perceber com agudeza os mecanismos do sistema excludente; e "sapiencial", para ser capaz de se precaver da participação nele. Esta consciência, as ordens e congregações necessitam em primeiro lugar para si mesmas, a fim de superarem uma ingenuidade facilmente culposa diante dos processos sociais; e superarem um isolacionismo que desconhece os pobres em seu sofrimento. E necessitam também dessa consciência para repartir dela com os próprios excluídos.

6. Resta, por fim, reconhecer que, para os excluídos a Vida Religiosa não pode se furtar de ser também portadora de um socorro imediato, que dê cobertura a necessidades que não podem esperar. A prevenção contra o assistencialismo é, por um lado indispensável. Mas não pode, por outro lado legitimar a inércia de não se fazer nada. Aliás, nos pequenos gestos de bondade se educa o coração para o amor solidário. E eles serão o primeiro recado aos pobres de que eles, embora excluídos pelo sistema social, não foram esquecidos pelo Amor infinito de Deus.

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1. Durante um largo período na vida religiosa utilizamos, na vida re-

ligiosa, palavras como "oprimidos", "dependentes", "explorados". Agora uma nova palavra é apresentada indicando as massas "sobrantes" e "excluídas". Como você percebe na prática esta mudança de vocabulário na compreensão do fenômeno da pobreza?

2. Diz o autor que "não se pode esperar que os pobres sejam "santos", como não cabe um ufanismo apressado quanto a uma suposta recusa total por parte deles diante do

sistema que os exclui. Com frequência eles próprios reproduzem mecanismos excludentes do sistema". Ao constatar isso nos meios pobres em que eventualmente você esteja agindo, qual o seu modo de reagir?

3. Que desafios e interrogações são mais significativos para você e sua comunidade, do ponto de vista da realidade concreta que vivem, diante das novas formas de pobreza como exclusão?

NOTAS

(1) Em 1981, os 10% mais ricos detinham 46% da renda; os 10% mais pobres detinham 0,9%. Em 1989 os 10% mais ricos detinham 53,2% da renda; e os 10% mais pobres detinham 0,6% (IBGE-PNDA 1989), Cfr. CNBB. **Diretrizes Gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil 1991-1994**, Doc. 45, Ed. Paulinas 1991, n. 158. (2) O número de pobres no Brasil com rendimento mensal inferior a um quarto de salário mínimo passou de 29,4 milhões (em 1980) para 44,8 milhões (em 1989). (Fonte IPEA, Cfr. CNBB, **Diretrizes gerais**, oc. n. 159). (3) A Encíclica **Sollicitudo Rei Socialis** n. 15 chama a atenção para estas "muitas outras formas de pobreza". Ressalta a "negação ou a limitação dos direitos humanos — como, p. ex., o direito à liberdade religiosa, o direito a participar na construção da sociedade, a liberdade de associação, ou de construir sindicatos, ou de tomar iniciativas em campo econômico"... (4) Cfr. Celso Furtado, **Prefácio à Nova Economia Política**, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro 1976, 32s. (5) J. Paulo II. (6) J. Santa Ana, **O Amor e as Paixões. Crítica Teológica à economia Política**. Ed. Santuário, Aparecida 1989, 36. (7) Mesmo em uma bibliografia de circulação eclesial são abundantes as obras que analisam e descrevem estes processos. Cfr. entre tantas J. Santa Ana, **O Amor e as Paixões**, oc.; Jung Mo Sung, **A idolatria do Capital e a morte dos pobres. Uma reflexão teoló-**

gica a partir da dívida externa. Ed. Paulinas, S. Paulo 1989 (com ampla bibliografia citada); Jung Mo Sung, **Deus numa economia sem coração. Pobreza e neoliberalismo: um desafio à evangelização**. Ed. Paulinas 1992; H. Assmann; F. J. Hinkelammert, **A Idolatria do Mercado. Ensaio sobre Economia e Teologia**, Ed. Vozes, Petrópolis 1989. (8) J. Iguñiz Echeverría, **Deuda externa en America Latina. Exigencias éticas**, in CELAM, **Doctrina social de la Iglesia en America Latina**, Bogotá 1992, pgs. 307 e 309. (9) **U. S. Debt Crisis Newsletter**, fevereiro de 1990, p. 8; cit. p. P. Guareschi, **Solidariedade no Mundo econômico**, mimeo 1992, 7. (10) J. C. Rufin, **L'Empire et les nouveaux Barbares**, J. C. Lattés Ed., Paris 191. Colhemos a referência de **Folha de S. Paulo** 28.10.1991, p. 2. citando entrevista de J. C. Rufin a **Paris Match** 15.10.1991. (11) J. Santa Ana, **Os pobres e o novo sistema econômico mundial**, in AAVV., **Vida, Clamor e Esperança. Reflexões para os 500 anos de evangelização a partir da América Latina**, Ed. Loyola 1992, p. 59 n. 168. (12) J. Santa Ana, **Os pobres e o novo sistema econômico mundial**, o. c. 55, n. 157. (13) J. Santa Ana, o. c. 54, n. 156. (14) Cfr. Jung M. Sung, **Deus numa economia sem coração**, o. c. 42-49. (15) J. Santa Ana, **Os pobres e o novo sistema econômico mundial**, oc. 61. (16) Cfr. Jo. 17,15. □

O «EVANGELHO» DE SANTO DOMINGO

OS 10 TEMAS-EIXO DO DOCUMENTO DA IV CELAM

Particularmente importante é examinar os erros passados para reconhecê-los com franqueza a fim de não repeti-los. Sem arrependimento e disposição à reparação não há absolvição.

Frei Clodovis M. Boff, OSM
Rio de Janeiro, RJ

Vai aqui uma leitura “positiva” do Documento de Santo Domingo (DSD). A leitura “crítica” já foi feita (1). Mas isso era só um trabalho preliminar. Pois não se vive de crítica, mas de propostas concretas. Os bispos já fizeram o seu trabalho, dentro dos limites que sabemos. Agora compete às bases eclesiais fazer o seu. Deixar de lado o DSD por incúria ou por decepção não parece ser uma boa atitude pastoral. Melhor é aproveitar a oportunidade para discutir a problemática mesma de Santo Domingo, ainda que a “solucionática” deixe a desejar. A nosso ver, é falta de atenção pastoral e de inteligência histórica deixar passar em branco as conclusões de Santo Domingo. De nossa parte, desejamos com o presente trabalho contribuir para a sua *receptio viva*.

Para isso, queremos partir do próprio texto episcopal, relevando seus

fermentos e “deixas”. Tínhamos feito isso, com certo êxito, em relação à Conferência de Puebla, quando expusemos os seus “10 temas-eixo” (2). Aqui também, é inevitável fazer certa seleção dentro do texto, de modo que apareçam claramente seus desafios mais fecundos. A lista, num primeiro esboço, já foi dada na leitura crítica evocada acima (3). Trata-se agora de desdobrar aquelas indicações esquemáticas. A rede em 10 pontos que propomos é apenas um recurso didático para se pegar o que há de mais vivo em Santo Domingo.

Sobre cada tema-eixo, daremos, em primeiro lugar, o estado da questão. Em seguida, indicaremos a passagem mais importante (os números) em relação àquele tema no DSD. E por fim faremos um ou outro destaque, ligado à questão em foco.

A. QUANTO À NOVA EVANGELIZAÇÃO

1.º Manter viva a memória histórica da evangelização do Continente.

— *Estado da questão:* Os 500 anos de evangelização foram uma ocasião sem igual para despertar em nossas jovens igrejas o exercício da memória histórica. Mas essa deve-se tornar um hábito eclesial. A memória do passado não pode se reduzir às grandes datas, mas deve ser uma constante. Uma igreja sem memória é uma igreja sem identidade, e sem identidade não há futuro próprio.

De fato, a história é “mestra de vida”, na medida em que pode nos inspirar com seus acertos e advertir com seus erros. Ora, resta sempre e ainda muito a aprender de nossa história. Aliás “fazer memória” das “maravilhas” do Senhor e das infidelidades humanas é uma atitude profundamente bíblica.

Particularmente importante é examinar os erros passados, para reconhecê-los com franqueza a fim de não repeti-los. Sem arrependimento e disposição à reparação não pode haver absolvição.

— *Passagem central:* DSD 16-21.

Notar a idéia de “sementes do Verbo” presentes nas sociedades pré-colombianas. Essa idéia volta outras vezes (138 e 245).

Importa, outrossim, completar a memória do DSD em base à melhor tradição profética (Montesinos, Las Casas, etc.) da igreja do Continente.

— *Destaque:* Pedido de perdão aos nossos irmãos negros e índios

(248; cf. 20c: negros). Os Bispos fizeram o que puderam, até com a ajuda do Papa. Compete agora às bases da Igreja levar avante e mais a fundo esse “ato penitencial”, com a devida “reparação”.

2.º Realizar a “nova evangelização” do mundo moderno.

— *Estado da questão:* O trans-fundo desse desafio é o mundo “moderno”, enquanto se organiza de modo irreligioso e praticamente ateu. É o “secularismo” dos que vivem “como se Deus não existisse”.

Mas essa mentalidade está em crise — uma “crise cultural de proporções inimagináveis”, que põe à Igreja um “desafio gigantesco” (230a). A crise da “modernidade cultural” (secularista) se revela na crescente busca de religiosidade que vem passando hoje a sociedade.

Daí a necessidade de a Igreja despertar sua tarefa missionária. Em relação ao mundo, não basta o compromisso profético-transformador (para responder à demanda de justiça), mas é preciso também desenvolver a dimensão do anúncio missionário (para responder à demanda de sentido).

— *Passagem central:* DSD 129-131.

Enfatiza-se aí o querigma, ou seja, o anúncio central da fé: Jesus Cristo, morto e ressuscitado, e seu Reino. Trata-se de propor não já todo o catecismo, mas o núcleo central do cristianismo, ou seja, a fé cristã “elementar”, que a secularizada cultura moderna não mais reconhece.

Os destinatários dessa “nova evangelização” são os cristãos “afastados” — a massa dos não praticantes. É esse universo que está no meio, entre os “pagãos”, aos quais se dirige a “evangelização *ad gentes*”, e os “praticantes” ou “fiéis”, para os quais existe a “pastoral” (RMI 33).

Os bispos em Santo Domingo apontaram os “batizados não evangelizados” como os “principais destinatários da Nova Evangelização” (97c).

E ainda que “todos” na Igreja devam se envolver nessa tarefa (25 e 302,1), seus “protagonistas” são os leigos (97 e 302,1), como veremos melhor mais abaixo. Igualmente, para este mutirão, as Comunidades e os Movimentos são chamadas a desenvolver sua dimensão missionária (131h).

O DSD propõe uma espécie de ofensiva evangelizadora. Insiste em que é preciso absolutamente “sair ao encontro” dos batizados que se afastaram da Comunidade de fé (129 e 131a/a/c = 4 vezes).

— *Destaques:*

a) *A pastoral concreta dos afastados:* O n.º 131 é muito rico, sobretudo por suas indicações práticas. Por aí se vê que a “nova evangelização” tem muito de “pastoral de massa”, onde entram “campanhas missionárias”, resgate do catolicismo “sacramental” e o uso dos meios de comunicação social, de que se falará no 10.º tema-eixo:

b) *A questão das “seitas”:* 139-146. Essas não são diretamente o “problema”, mas antes uma “respos-

ta”, talvez equivocada ao problema de base, que é a demanda de sentido religioso (conjugada, nas classes populares, à da satisfação das necessidades vitais). Portanto, só são problema de modo derivado ou por tabela. E é assim que essa questão há de ser colocada.

3.º **Despertar o protagonismo dos leigos.**

— *Estado da questão:* Sem um “laicato bem estruturado, maduro e comprometido” (103) não pode a Igreja realizar sua missão particularmente com relação à sociedade. De fato, a missão principal do leigo é na esfera do mundo, onde deve contar com o apoio do pastor (enquanto que na esfera eclesial é ele que é chamado a apoiar o pastor). Por isso a formação do laicato se apresenta como “linha prioritária” de nossas igrejas (103).

Se há um protagonismo do leigo só pode ser na esfera do mundo, pois na eclesial o protagonismo (de serviço, naturalmente e não se dominação) só pode ser dos pastores, que para isso existem.

— *Passagem central:* DSD 94-103.

Observar que se insiste muito na importância de o leigo partir para o âmbito social, não se reduzindo ao eclesial (98c, 97b e 98a: 3 vezes).

Importante é também o acento na *autonomia* dos leigos quanto à própria organização, para vencer a tutela clerical (96b, 98b).

Quanto aos conhecidos “Movimentos de leigos”, o DSD reconhece seus valores: importância da Pa-

lavra, da oração comum, da ação do Espírito, etc.. Mas pede que se inculquem entre nós e tenham assim um “perfil mais latino-americano” (102).

— *Destaques:*

a) *A Mulher:* 104-110. No nº 107 os bispos entendem ser particularmente corajosas. Mas as bases eclesiais precisam levar em frente a idéia da reciprocidade e paridade entre mulher e homem de sorte que se realize “em todos os âmbitos”, inclusive na Igreja — coisa que o DSD ainda não chega a explicitar (109).

b) *Os Jovens:* 111-120. Releve-se o nº 114, onde se retoma, muito justamente, a “opção preferencial” pelos jovens de Puebla, opção essa que deve se articular com aquela outra, mais fundamental — a “opção pelos pobres”, na ótica da “transformação da sociedade” (112b, 115b).

4.º Fortalecer o modelo de “Igreja comunhão e participação”.

— *Estado da questão:* Santo Domingo não trabalhou a questão do modelo de Igreja, que é entretanto decisivo para os três problemas-chave que levanta: a “Nova Evangelização”, a “Promoção Humana” e a “Cultura Cristã”. Impossível resolvê-los com uma igreja “piramidal” não-participativa e centralizada.

— *Passagem central:* DSD 54-57

Notar que a eclesiologia deste texto oscila entre o modelo piramidal e o participativo (54a/c).

Precisemos que a questão aqui é tripla:

— a participação das bases eclesiais no processo de decisão, e não apenas nas tarefas, decididas fora ou acima da comunidade eclesial;

— a *institucionalização* desse processo em mecanismos de participação (eleição, etc.) e em “estruturas de comunhão” como conselhos, assembleias, etc. (cf. nº 69, só relativo aos “ministros ordenados”);

— e finalmente seu reconhecimento canônico na “forma da lei”, para protegê-lo do arbítrio e garantir sua irreversibilidade. Não basta legitimidade teológica, é preciso também legalidade jurídica.

— *Destaques:*

a) *A Paróquia:* 58-60. Vem proposta justamente como “comunidade de comunidades e movimentos” (58a; cf. também 142a). Repõe-se a grave questão da “paróquia urbana” em termos dos “planos de conjunto” (59-60) coisa que retomaremos mais adiante.

b) *AS CEBs:* 61-63. São “ratificadas” (63a). Mas é preciso pensar seu vínculo de comunhão com a igreja institucional, sobre o qual tanto insiste o DSD(61./b: 4 vezes!). De que tipo é esse vínculo? Ele garante a autonomia legítima das CEBs ou as deixa à mercê dos pastores em exercício, com sua “mentalidade” particular? Aqui também emerge a necessidade de uma adequada “legalização” da caminhada das CEBs.

B. QUANTO À PROMOÇÃO HUMANA

5.º Retomar a opção pelos pobres, hoje “excluídos”.

— *Estado da questão:* É especialmente nesse ponto nevrálgico que Santo Domingo se coloca em continuidade com Medellín e Puebla (290: declaração formal; e logo no nº 1).

Importante notar que o rosto do pobre dos anos 90 (Santo Domingo) não é o mesmo dos anos 70 (subdesenvolvido e oprimido: Medellín) e dos anos 80 (explorado e lutador: Puebla). Poderíamos defini-lo agora como o rosto do “excluído”.

— *Passagem central:* DSD 178-181.

Santo Domingo fala pouco em “exclusão” (179b) mas antes em termos de “os mais pobres” (180b, 181c, 195b, 196, 197, etc.) e outros. Mas o fenômeno propriamente da “exclusão social” é seguramente apontado. Basta ler o nº 179s, onde, no melhor tom profético, declaram os bispos: “O crescente empobrecimento a que estão submetidos milhões de irmãos nossos que chega a intoleráveis extremos de miséria, é o mais devastador e humilhante flagelo que vive a América Latina e Caribe”. Ou ver o condensado operativo no nº 181c.

Santo Domingo reconhece expressamente que “temos de aumentar a lista dos rostos sofridos” (179e). E faz já uma primeira lista desses rostos (178c). São na verdade as “massas sobrantes”, os novos “párias”, os miseráveis (lumpen), os abandona-

dos. Aí se acham os desempregados, os da “economia informal” (181c, 199a, 203a) e toda a sorte de “marginalizados”, que vivem na precariedade, lutando para sobreviver.

Poderíamos aqui acrescentar que a exclusão tem também dimensões macroscópicas: hoje o Terceiro Mundo como um todo encontra-se numa situação de “exclusão planetária”. É a “macro-exclusão”, como veremos melhor no 7º tema-eixo.

Apesar de o “pobre 90” (= “excluído”) não ser muito considerado em sua “sujeitidade” social mantém-se a idéia de Puebla sobre o “potencial evangelizador dos pobres” (178b).

— *Destaque:* Em confronto com as Conferências anteriores, há uma novidade formal e um avanço em Santo Domingo no que concerne à “opção pelos pobres”. É que ela é agora considerada não apenas como uma “prioridade pastoral” entre outras (ou mesmo à frente das outras), mas como uma “luz” ou perspectiva que há de perpassar todas as outras prioridades. O documento é formal: “Esta opção... iluminará... toda nossa ação evangelizadora” (nas conclusões finais, nº 296a; mas também nº 178b).

6.º Desenvolver a “cultura da vida.

— *Estado da questão:* Um dos riscos mais terríveis associados à “modernidade cultural” como predomínio da “racionalidade científico-tecnológica” (252b, 255b/d) é a “mentalidade antivida” ou a “cultura da morte”, com suas muitas faces: aborto e eutanásia, guerra e terrorismo, narcotráfico e destruição da na-

tureza (cf. 219c). É de se evocar aqui a idéia de pulsão de morte ou “thánatos” (Freud), ou ainda a de “nihilismo” (Nietzsche).

— *Passagem central I: A Família:* DSD 210-217.

É um item longo e valorizado de modo extremo. Fala-se em termos de “fronteira decisiva” (210a), de “lugar privilegiado” (214a), de “prioridade e centralidade da pastoral familiar” (222a). Reconhecem-se porém, os condicionamentos sociais da família (218 e 219).

— *Passagem central II: A ecologia:* DSD 169-170.

Tema inédito para a CELAM. O DSD retoma o conceito da ONU de “desenvolvimento sustentado” (169d), mas questiona com extrema pertinência “quem paga os custos de tal desenvolvimento e a quem se destinam seus benefícios” (169e).

Assume com coragem a “responsabilidade dos cristãos” quanto aos “atuais desastres ambientais e sociais” (169g). E indica a “sabedoria dos povos indígenas” como exemplo de “preservação da natureza... para todos” (169k).

— *Destaque:* “Crianças de rua”: 221 (cf. também 178c). É efetivamente um dos sinais mais dramáticos do nível de degradação humana a que chegaram as relações sociais no Terceiro Mundo.

7.º Lutar por uma nova ordem social.

— *Situação:* Fica de pé a tarefa de pensar uma outra economia, uma

sociedade diferente da que está aí, um mundo novo.

Com a “pós-modernidade” (cf. 252c/d), que valoriza o “fragmento” e desconfia dos grandes sistemas”, o trabalho de pensar o futuro de modo criativo e corajoso torna-se mais difícil. Os próprios bispos baixaram o “tom utópico” de suas propostas. Recearam qualquer discurso “estrutural” ou “sistêmico”. E que dizer então do uso de termos globalizantes como “capitalismo” ou “socialismo”? Empregam sim a palavra corrente “neoliberalismo”, mas em chave crítica (179d, 181c e 199c).

Contudo, visões globais são ainda e sempre necessárias para todas as forças que não desistiram de lutar por uma nova ordem social, inclusive planetária, mas à condição que essas visões não sejam rígidas, fechadas e ultimativas.

— *Passagem central:* DSD 194-203: “nova ordem econômica”.

A proposta dos bispos é no sentido de uma “economia solidária” ou “da solidariedade” (201), ou ainda uma “economia de comunhão e participação de bens” (206). É claro que a preocupação dos pastores é ética, não técnica. Esta última é tarefa de um laicato protagônico.

Para além da economia, em direção ao social mais amplo, fala-se de uma “sociedade justa e solidária” (13), de “uma sociedade mais fraterna” (200c). Alude-se igualmente à idéia da “civilização do amor” (120).

Mas permanece o convite da “criação”, “busca e implementação” de “modelos sócio-econômicos” novos (201). Com os leigos a palavra! Não são eles chamados a serem nesse terreno os “protagonistas”?

— *Destaque*: Integração latino-americana: 204-209.

É para responder, ao desafio da formação dos “grandes blocos” econômicos, no contexto da “globalização da economia planetária” (207) e em conexão com a idéia bolivariana de “pátria grande” (209a).

C. QUANTO À EVANGELIZAÇÃO INCULTURADA

8.º Inculturar o Evangelho nas culturas próprias do Continente.

— *Estado da questão*: A inculturação é precisamente a temática original de Santo Domingo, sua “marca registrada”. A ela é dedicado todo o capítulo III: “Cultura cristã” — expressão ambígua, mas no limite aceitável (cf. 13b e 229a).

O diálogo fé-cultura é extremamente complexo e cheio de tensões, como se viu no VIII Intereclesial, em Santa Maria-RS (out. 1992). Esse é um terreno ainda não bastante balizado, ao contrário do diálogo fé-política. Supõe, além disso, o modelo de uma Igreja descentralizada e participativa, isto é, que supere os limites da “disciplina canônica vigente”.

— *Passagem central*: DSD 243-251.

Toma-se consciência de que a realidade cultural do Continente não é só “latina”, mas “multiétnica e pluricultural”, destacando-se as culturas indígenas e afro-americanas.

Santo Domingo coloca a figura de Maria como “modelo da evangelização da cultura” em geral (229c). Puebla tinha sido mais concreto quando falava do “rosto mestiço da Virgem de Guadalupe” como “símbolo luminoso” do encontro fé e cultura no Continente (P 446; cf. P 282). Efetivamente, a chave hermenêutica da delicada relação fé-cultura se encontra aí. Nossas igrejas precisam se colocar na escola de Guadalupe para aprenderem como inculturar o Evangelho nas culturas regionais.

Os bispos chamam em particular a atenção para as vocações sacerdotais indígenas e afro-americanas, merecedoras de uma formação adequada, isto é, inculturada (84c; cf. 80c — números de outro cap.).

Nos nº 248, 249 e 250 os bispos formalizam o compromisso pastoral de por-se a caminho da inculturação da fé nas culturas indígena, afro-americana e mestiça respectivamente.

— *Destaque*: A questão da “mestiçagem”. Essa precisa ser melhor esclarecida e aprofundada. Não é talvez para lá que vão as culturas do Continente? Ou quem sabe não

seja o destino das culturas existentes hoje no mundo? Seja como for, os bispos dão da "mestiçagem" uma interpretação altamente positiva:

— é um fenômeno que envolve "grandes maiorias" (250);

— é um fenômeno complexo: racial, cultural e religioso (247 e 250);

— como fenômeno religioso, se exprime em determinada religiosidade popular que corresponde a uma autêntica "forma inculturada do catolicismo" (247; cf. 18 e 250) e não a um sincretismo" qualquer (138g).

9.º Inculturar o Evangelho na cultura urbano-moderna.

— *Estado da questão:* A inculturação do evangelho não enfrenta só a questão das culturas específicas, mas a grande questão da "cultura moderna", que se torna cada vez mais como que o invólucro cultural comum e homogêneo de todas as culturas, configurando assim certa "cultura universal".

— *Passagem central:* DSD 255-262.

Pôr a questão da cidade hoje é pôr a questão da modernidade. Mas essa não é apenas um processo social (econômico, tecnológico e administrativo), mas também um processo cultural, um *ethos* global. Pois bem, a cidade é o lugar da modernidade, de onde esta irradia inclusive para o "campo" (255).

Mais: pôr a questão da cidade moderna, não seria também pôr a questão das classes do conhecimento e informação que definiriam hoje a modernidade, as "novas classes médias"? Se for assim, então a pastoral da cidade haveria de se centrar na pastoral das classes médias (movimentos, grupos de base, etc.), sem prejuízo da "opção pelos pobres", antes, na perspectiva desta opção.

Seja como for, a questão urbana impõe uma redefinição de toda a pastoral em termos de uma pastoral orgânica ou de "planos de conjunto" (60c). Impõe igualmente o redimensionamento de todas as pastorais particulares no interior dessa pastoral de conjunto: Movimentos, CEBs, pastoral de edifícios, pastoral para os grupos marginalizados, para os grupos de influência, etc. (259-261) e especialmente a paróquia. É o nosso destaque.

— *Destaque:* A paróquia (259). É o ponto de concentração dos conflitos que traz o encontro fé/cultura moderna. Ela é ponto de cruzamento entre as estruturas superiores da diocese e dos movimentos e as estruturas inferiores dos grupos e comunidades de base (257 e 259). Daí a consigna: "Reprogramar a paróquia urbana" (257).

10.º Assumir os meios de comunicação social.

— *Estado da questão:* a mídia é ao mesmo tempo efeito e fator de



Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299
20038-900 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de novembro de 1993

A Palavra de Deus é a fonte primordial da **espiritualidade, isto é, do agir humano vivificado pelo Espírito**, porque gera, irriga, mantém e renova a fé. O objeto da fé é sempre a Palavra de Deus. Frente, pois, a esta Palavra crer naquilo que se lê. É ler para ampliar aquilo que se crê.

*- Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me", Mt 16, 24.
"Qualquer um de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo", Lc 14, 33.*

A **ascese** cristã, ou seja, a colaboração humana para preparar e acolher a iniciativa divina e lhe corresponder, é elemento inelutável no plano da salvação. Segue ao cristão como ao homem a sua sombra. Nossa sociedade, saturada de erotismo, de mentalidade pansexualista e magnetizada pelo lúdico, em nome da espontaneidade da natureza e de uma liberdade absoluta, rotula a **ascese como neurose alienante**. Mas seu sentido e sua justificativa se encontram alhures, na fidelidade ao mistério de Cristo, sua cruz, sua morte, sua ressurreição e dentro do horizonte do pecado e do juízo divino sobre ele.

As manifestações exteriores da ascese não são unívocas. Variam de uma época para outra. Conformam-se aos contextos socioculturais. Hoje, sobretudo, leva em conta um conceito mais aprofundado da pessoa, as descobertas das ciências antropológicas, o valor profundo da sexualidade, o processo de personalização, a importância da dimensão comunitária, a integração harmônica entre corpo e alma, as alienações a que nos constringe a vida moderna, a superficialidade do relacionamento e da convivência...

Mas, vencidas as contingências da história, indo-se até à raiz das coisas, é forçoso convir que, **em sua substância, a ascese, no cristianismo, é imutável.** É de sempre e para sempre. Ela cobre um campo vastíssimo: 'desprendimento' dos bens terrenos (Lc 5, 11), 'abnegação' de si (Lc 9, 23), 'despojamento' interior do velho homem com suas concupiscências (Cl 3, 9), 'crucifixão' da carne (Cl 5, 24), uma espécie de 'morte' e sepultamento com Cristo (Cl 3, 3). Sua fecundidade, porém, não se mede pelo sofrimento que causa nem pela intensidade do esforço pessoal. Não é um padecimento-fim.

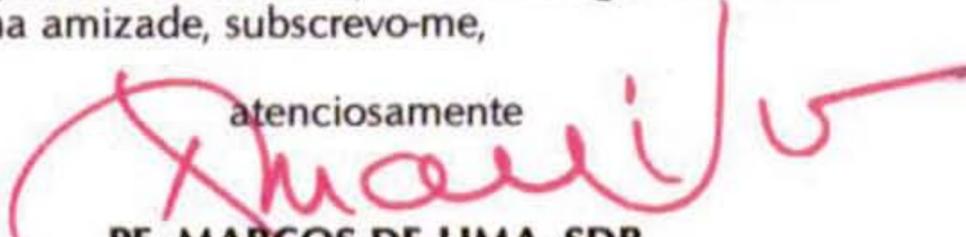
Na perspectiva evangélica, a eficácia da ascese se avalia pelo **progresso na caridade** por ela favorecido, pela abertura da pessoa ao amor oblato. É uma insuprimível exigência de amor e fidelidade a Cristo e aos irmãos. Quando em nossa vida triunfam procedimentos marcados pela bondade, pela justiça e retidão e uma atitude constante de conversão e amabilidade, a força oculta propulsora é a ascese. **Mais do que soma de renúncias, é crescimento na prática da caridade pastoral.**

Nada, porém, de ascetismo espetaculoso, mas aquele do dia-a-dia, das pequeninas coisas, das mortificações impostas pelo cumprimento do dever, pela disciplina no uso dos meios de informação, o sono, o lazer necessário, pelas situações concretas da convivência humana. Trabalho, sentido austero da vida, vigilância, moderação das inclinações e paixões, temperança e aquela série de virtudes-satélites que giram ao seu redor: **continência** contra as tendências da luxúria, **mansidão** contra os ímpetos da ira, **clemência** contra as inclinações à vingança, **modéstia** contra a vaidade e o exibicionismo do corpo, **sobriedade e abstinência** contra os excessos da bebida e da comida, **simplicidade** contra as liberdades do luxo, do desperdício, do comodismo.

A Vida Religiosa, em todos os tempos, foi sempre um exercício de ascese. **É a cruz que torna fecunda a ação.** No entanto, cruz, sofrimento, quênose, esvaziamento... nos assustam. O hedonismo suntuário, o desenfreado espírito dionisiaco e o humanismo otimista do nosso tempo desprezam e rejeitam a ascese, a renúncia, a mortificação, a disciplina dos sentidos. Mas, veja lá, sem participação pessoal no mistério da morte e da cruz, não há salvação.

JESUS, que veio, sempre vem quando invocado, e virá definitivamente naquele tempo, que se aproxima, conhecido só de seu Pai, seja a nossa **PAZ**, a nossa serenidade, a nossa coragem. Amém. Ao seu inteiro dispor, com renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente


PE. MARCOS DE LIMA, SDB

Redator-Responsável/Convergência